



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA TOCANTINA - FACHTO

MARCICLEIA RODRIGUES E RODRIGUES

**A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA  
LITERATURA AFRICANA: (RE) CONSTRUÇÃO DE SUAS  
IDENTIDADES NO PERÍODO PÓS-COLONIAL**

ABAETETUBA – PA

2019

MARCICLEIA RODRIGUES E RODRIGUES

**A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA  
LITERATURA AFRICANA: (RE) CONSTRUÇÃO DE SUAS  
IDENTIDADES NO PERÍODO PÓS-COLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de História da Amazônia Tocantina – FACHTO, do Campos Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Leandro Esteves.

ABAETETUBA – PA

2019

MARCICLEIA RODRIGUES E RODRIGUES

**A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA ATRAVÉS DA  
LITERATURA AFRICANA: (RE) CONSTRUÇÃO DE SUAS  
IDENTIDADES NO PERÍODO PÓS-COLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de História da Amazônia Tocantina – FACHTO, do Campos Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em História.

Data da Aprovação: 17/12/2019

Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Leandro Esteves  
Orientador – UFPA

---

Prof<sup>a</sup>. José do Espírito Santo Dias Junior  
Avaliador – UFPA

ABAETETUBA – PA

2019

Dedico este trabalho a memória de meus avós, que sempre estiveram ao meu lado, Gertrudes Negrão Rodrigues e Raimundo Ribeiro Rodrigues;

Aos meus pais por sempre me apoiarem, principalmente, nos momentos mais difíceis da vida, Mariene Rodrigues e Rodrigues e José Raimundo Negrão Rodrigues;

Ao meu irmão por sempre me dá forças, por alegrar o meu dia, Joilson Rodrigues e Rodrigues;

Ao meu esposo por ser companheiro e amigo de todas as horas, André Marques Pinheiro.

## AGRADECIMENTOS

Muitas foram as dificuldades encontradas durante o percurso dessa jornada, entretanto, para a conclusão desta etapa em minha vida tive o privilégio de contar com a ajuda de grandes amigos, de familiares e de meu esposo.

Primeiramente agradeço a Deus, pois sem ele nada seria possível em minha vida, é dele que retiro as minhas forças ao qual foi possível terminar este trabalho, é nele que busco fé e forças para continuar.

Agradeço ao meus pais, Mariene Rodrigues e José Raimundo Negrão, pela formação que me propiciaram, por sempre estarem comigo, por me ajudaram a trilhar este caminho e por sempre acreditarem em mim, no qual, sem eles não conseguiria chegar aqui. Agradeço ao meu irmão, Joilson Rodrigues, por ser um ótimo irmão e por se preocupar e me incentivar a não desistir.

Agradeço ao meu esposo, André Marques, por me apoiar nas minhas decisões, pelos grandes incentivos, por ter paciência ao lidar comigo durante este período, por me dar amor e conforto nos momentos em que eu mais precisei.

Agradeço aos meus amigos, irmãos que a universidade me presenteou, Alesandra Santos, Ely Brito, José Nilson Melo, Lucenilda dos Santos, Rayane Açucena Negrão, Rayanne Cabral, sempre nos entendemos muito bem, me proporcionaram momentos felizes e inesquecíveis e estarão sempre em meu coração.

Agradeço ao meu professor e orientador Carlos Leandro Esteves, que contribuiu de forma significativa em minha formação acadêmica, agradeço por me indicar este tema prazeroso, agradeço por ter me ajudado em meu pré-projeto e por me indicar e me incentivar a trabalhar neste trabalho com a autora Scholastique Mukasonga, no qual fez me apaixonar pelas obras dessa autora e pela sua história de vida.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação e para a conclusão desta etapa em minha vida, agradeço a todos os professores que nos contagiaram com suas aulas, com seus conhecimentos e com as suas histórias de vida. Agradeço a todos os meus colegas, que com as suas atitudes e com as suas palavras de conforto e incentivo me ajudaram a trilhar este caminho.

Cada dia cresce a minha experiência e mais claras se tornam minhas reflexões sobre a vida e sobre o mundo. Pretendo revelar um pouco desta experiência sem falsidade nem superficialização, para quebrar o silêncio, para comunicar-me, para apelar à solidariedade e encorajamento das outras mulheres ou homens que acreditam que se pode construir um mundo melhor. (CHIZIANE, 2013, p.201)

## RESUMO

Será analisado neste trabalho as obras produzidas a partir do período pós-colonial, destacando obras produzidas por mulheres africanas, dando ênfase a três escritoras africanas renomadas, Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie e Scholastique Mukasonga, pertencentes a Moçambique, Nigéria e Ruanda, respectivamente. Com o intuito de trazer autoras escrevendo de lugares diferentes, se distanciando em aspectos sociais, culturais e políticos, mas apresentado um elemento comum em suas obras: a construção de um espaço com a qual as mulheres possam se identificar e com isso construir as suas próprias identidades. Partindo deste princípio, utilizaremos alguns autores que falam sobre o assunto, dando ênfase principalmente em autores que tratam de assuntos ligados a questão feminina, destacando-se Bibi Bakare-Yusuf, Sotunsa Mobolante, Oyèrónké Oyewùmí, dentre outras; questões da literatura pós-colonial, tais como Inocência Mata, Thomas Bonnici, Edward Said e autores com trabalhos pós-coloniais, tais como Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, dentre outros; retratando aspectos sociais, culturais e políticos que fazem parte dos espaços nos quais as mulheres estão inseridas.

Palavras-chave: Resistência. Literatura Africana. Identidades Femininas.

## ABSTRACT

We will analyze in this work the works produced from the postcolonial period, highlighting works produced by African women, emphasizing three renowned African writers, Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie and Scholastique Mukasonga, from Mozambique, Nigeria and Rwanda, respectively. In order to bring authors writing from different places, distancing themselves in social, cultural and political aspects, but presented a common element in their works: the construction of a space with which women can identify and thereby build their own identities. Starting from this principle, we will use some authors who talk about the subject, emphasizing mainly authors dealing with issues related to the feminine issue, especially Bibi Bakare-Yusuf, Sotunsa Mobolante, Oyèrónké Oyewùmí, among others; issues of postcolonial literature such as Innocence Mata, Thomas Bonnici, Edward Said and authors with postcolonial works such as Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, among others; portraying social, cultural and political aspects that are part of the spaces in which women are inserted.

Keywords: Resistance. African Literature. Female Identities.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	10
<b>CAPÍTULO I: DAS MUDANÇAS AOS DEBATES PÓS-COLONIAIS</b> -----	18
1.1- Apresentando: Moçambique, Nigéria e Ruanda-----	19
1.2- Críticas e debates sobre o termo pós-colonial-----	24
1.3- Novas perspectivas: Mudanças no cenário literário a partir de 1960-----	29
1.3.1- Presença das mulheres nas lutas anticoloniais-----	29
1.3.2- Literatura feminina pós-colonial-----	31
<b>CAPITULO II: DA REPRESENTAÇÃO A RESISTÊNCIA</b> -----	38
2.1- Apresentando as autoras: Chiziane, Chimamanda e Mukasonga-----	39
2.1.1- Paulina Chiziane-----	40
2.1.2- Chimamanda Ngozi Adichie-----	41
2.1.3- Scholastique Mukasonga-----	42
2.2- Elementos de resistência presentes nas escritas de Chiziane, Chimamanda e Mukasonga-----	43
2.2.1- Niketche: uma história de poligamia de Chiziane-----	44
2.2.2- Hibisco roxo de Chimamanda-----	51
2.2.3- Nossa senhora do Nilo de Mukasonga-----	56
<b>CAPÍTULO III: (RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES FEMININAS</b> -----	61
3.1- Um novo espaço em construção, uma (nova) identidade em ação: (Re)construção das identidades femininas nas obras de Chiziane, Chimamanda e Mukasonga-----	62
3.1.1- Niketche: uma história de poligamia de Chiziane-----	64
3.1.2- Hibisco roxo de Chimamanda-----	69
3.1.3- Nossa senhora do Nilo de Mukasonga-----	73
<b>CONCLUSÃO</b> -----	76
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	79

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como tema a ser analisado e discutido “a resistência da mulher negra através da literatura africana: (re)construção de suas identidades no período pós-colonial”, no qual, buscar-se identificar e problematizar como as escritoras negras africanas representam e evidenciam em suas obras literárias a resistência e a (re)construção da(s) identidade(s) feminina(s) de suas personagens; verificando-se, dessa forma, os escritos produzidos por elas a partir do período pós-colonial, evidenciando em suas obras a criação de um novo espaço com o qual as mulheres possam se identificar e com isso (re)criarem as suas próprias identidades. Para tanto é necessário acentuar os objetivos deste trabalho, que traz como objetivo geral a compreensão de como a literatura africana produzida a partir do período pós-colonial, trazendo como personagem principal a figura da mulher, se relaciona com o processo de (re)construção das identidades femininas presentes nas obras e com o seu processo de resistência, verificando aspectos culturais, sociais e políticos que influenciaram na inserção da mulher negra na literatura africana pós-colonial.

Para tanto, é necessário mostrar a importância de trazer a história das mulheres e de dar voz a elas, por isso “a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeitos da história.” (SCOTT, 2011, p.79). Além disso, também pode ser destacado outros objetivos, tais como: (1) Contribuir para estudos historiográficos relacionados ao continente africano, trazendo assuntos que foram marginalizados pela historiografia tradicional, analisando através de escritos femininos a (re) construção das identidades da mulher negra a partir do processo de independência dos países africanos; (2) analisar as formas de representações das mulheres negras e sua ascensão na literatura africana como forma de resistência a partir de seus escritos; (3) compreender os aspectos sociais, culturais e políticos que influenciaram na inserção da mulher negra na literatura africana, verificando de qual lugar social que as mulheres estão a escrever, e quais são as relações estabelecidas com o meio em que ela está inserida; (4) por fim, mostrar a importância dos estudos das mulheres, trazendo um tema marginalizado pela historiografia tradicional ocidental, analisando a sua importância para a compreensão e discussão do debate sobre feminismo e gênero em África.

Outro fator importante a ser destacado é uso da literatura como fonte para a História, na qual ambas se iluminam reciprocamente, em que “a História e a Literatura

oferecem o mundo como texto” (PESAVENTO, 2003, p.32), para tanto será necessário frisar que há tanto uma relação de aproximação quanto de distanciamento destes dois campos de conhecimentos; na qual, o grande entrave em torno destes dois campos refere-se ao debate acerca do que seria real ou fictício nas produções de seus textos. Apresentam algumas características em comum, eles se aproximam ao trabalharem cada qual com uma “configuração de tempo”, que segundo Sandra Pesavento

[...] Ainda como desdobramento desta compreensão da História que a aproxima da Literatura, temos o entendimento de que ambas as narrativas realizam a configuração de um tempo. Seja este o que se passou, no caso da História, ou que poderia ter se passado, mas que realmente se passa, para a voz narrativa da Literatura. (PESAVENTO, 2003, p.33).

O debate sobre o que seria verdadeiro, fictício ou falso havia provocado um distanciamento destes campos de conhecimentos, no entanto, esta concepção acabou sendo reanalisada a partir da década de 1970 com a crise dos paradigmas científicos, fazendo com que “[...] a ficção se tornasse uma questão chave para o debate da escrita da História, aproximando-a da Literatura” (PESAVENTO, 2003, p.34), ela tornou-se fonte para a História, no qual de acordo com Carlo Ginzburg, essas narrativas literárias não seriam somente documentos, mas sim “textos entranhados de história [...] A ficção, alimentada pela história, torna-se matéria de reflexão histórica, ou ficcional, e assim por diante” (GINZBURG, 2007, p.11). A partir disso, o romance ganhará duplo caráter, eles servirão de objeto de análise e fonte; além de ser consultado como fonte de informação, será também buscado em suas entrelinhas as relações que são estabelecidas com a sociedade a que ele está se referindo, ou seja, as obras de ficção serão relacionadas com a realidade histórica dos países de Moçambique, Nigéria e Ruanda, mas também será utilizado como fonte a partir do momento em se quer indagar e retirar aspectos que possam responder ao problema proposto neste trabalho. Com isso a partir da análise das obras ‘Niketche: uma história de poligamia’, ‘Hibisco roxo’ e ‘Nossa senhora do Nilo’, é possível identificar a representação dos valores de uma dada sociedade a partir da sociedade que a produziu, no qual é importante frisar que se deve levar em consideração que os romances dizem mais sobre a sociedade que a produziu do que da sociedade a que ela está a se referir; para isso é necessário frisar que a Literatura se torna fonte essencial quando o historiador/a quer saber sobre os valores e sensibilidades representadas no romance sobre uma sociedade, no qual

A Literatura é fonte para a História dependendo dos problemas ou questões formuladas. Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento

dato no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se torna uma fonte muito especial para o seu trabalho. (PESAVENTO, 2003, p.39)

Ou seja, a Literatura torna-se um objeto de estudo para o campo da História, na qual, podemos analisar como uma dada realidade é representada por seus escritores através de suas obras. Ao utilizarmos as literaturas de autoria feminina pós-coloniais como fonte, atentaremos para o que Said afirmar ao dizer que esta literatura é o espaço de afirmação das identidades dos povos que foram colonizados, para ele, essas narrativas “[...] se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles.” (SAID, 2011, p.11), buscando-se, dessa forma, evidenciar o seu papel no processo de construção das identidades das mulheres negras em África, trazendo um tema marginalizado pela historiografia tradicional; buscando através dele verificar o processo de resistência através dos escritos femininos, analisando a construção das identidades femininas e o lugar a que estas mulheres estão a falar e a escrever.

Percebeu-se através de pesquisas, que na área da História existem poucos trabalhos referindo-se a mulher negra na literatura africana, relatando a sua resistência e o processo de (re)construção de suas identidades; em contrapartida, pode-se observar no campo das letras uma quantidade significativa de trabalhos referentes à literatura africana e que estes trabalhos vem se desenvolvendo bastante nos últimos tempos; na área da História, verificar-se uma grande lacuna na produção de trabalhos referindo-se a literatura africana, na maioria dos trabalhos encontrados, fazem referência à literatura brasileira ou literatura afro-brasileira, no qual, é retratado o processo de construção das identidades das mulheres negras no Brasil. Por essa razão este trabalho tenta abordar a questão feminina a partir do viés literário africano, trazendo um tema com pouca ou quase nada com produções na área da História, no qual, grande parte dos trabalhos analisados foram produzidos pela área de letras, os poucos que existem no campo historiográfico estão ligados a questões culturais afro-brasileiras. Por essa razão mostrou-se imprescindível um diálogo com este e com outros campos de conhecimentos, tais como a literatura, letras, antropologia; ao transitar por estes campos de conhecimentos, o trabalho ganhará um maior enriquecimento de debates.

É importante ressaltar os debates acerca das questões femininas em África, no qual este apresenta características diversas e complexas, no qual um problema encontrado e que estará presente ao longo do trabalho é a dificuldade de estabelecer ou de impor de

uma forma generalizante um conceito de feminismo que abarque todas as mulheres africanas, no qual, segundo palavras de Joan Scott “o feminismo tem sido, nas últimas décadas, um movimento internacional, mas possui características particulares, regionais e nacionais” (SCOTT, 2011, p.69), por isso, é necessário levar em consideração as experiências vivenciadas pelo sujeito, no qual, estas se diferem substancialmente umas das outras; o feminismo ocidental acaba por receber inúmeras críticas, ao atentar-se ao pequeno grupo de mulheres brancas pertencentes a classe média, não consegue abranger as experiências de mulheres negras, pobres e africanas, pois este feminismo

[...] Tenha afirmado que seu objetivo era a emancipação de todas as mulheres da opressão sexista, falhou em considerar as peculiaridades das mulheres negras [...]. Na prática, o feminismo se concentrou nas necessidades das mulheres brancas de classe média da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, fazendo-se passar por um movimento de emancipação da mulher, globalmente. (EBUNOLUWA, 2009, p.2)

Logo a partir dessas críticas ao feminismo ocidental, surgiram variantes africanas do feminismo que tinham como intuito abarcar todas as mulheres; dentro desta perspectiva, surgiram variantes como o “mulherismo”, o “motherism” e o “stiwatismo”. Destas a qual mais aproximou-se da mulher negra foi o mulherismo, no qual, “de acordo com a perspectiva afro americana, o mulherismo se trata de uma ideologia global que define a experiência dos negros na diáspora e dos que vivem na África.” (EBUNOLUWA, 2009, p.4). Entretanto esta variante e nenhuma outra derivante do feminismo, não se atentou para as diferenças dentro da própria diferença, a de gênero<sup>1</sup>, no qual

[...] Essas tensões teriam se combinado para questionar a viabilidade da categoria ‘mulheres’ e para introduzir a ‘diferença’ como um problema a ser analisado. Inúmeras foram as contradições que se manifestaram, demonstrando a impossibilidade de se pensar uma identidade comum. A fragmentação de uma idéia universal de ‘mulheres’ por classe, raça, etnia, geração e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET e PEDRO, 2007, p.287)

A África é um continente diversificado e heterogêneo, logo as experiências do feminismo ocidental, tomada como universal, não atenderia todas as mulheres africanas, pois as experiências seriam diferentes para cada uma, por essa razão Bibi Bakare-Yusuf acredita que o feminismo deveria se ater as especificidades e experiências vividas das mulheres, para ela “as oportunidades e ações para abrir o pensamento feminista africano

---

<sup>1</sup> Termo usado por Bibi Bakare-Yusuf, no qual para ela há diferenças dentro do gênero, no qual é necessário que se atente para um feminismo focado nas experiências cotidianas das mulheres africanas.

surtem de se concentrar em experiências vividas e as complexas nuances, contradições e potencialidades da vida cotidiana.”( BAKARE-YUSUF, 2003, p.15). Para ela é necessário enxergar as diferenças dentro do próprio gênero, pois este apresenta inúmeras particularidades, dessa forma, o feminismo conseguirá abranger todas as mulheres, atentando-se para as experiências cotidianas vividas por cada uma delas dentro de seu espaço. Ao referirmo-nos a um termo para definir as lutas femininas, englobando-as em um termo, utilizaremos ‘feminismos’ no plural, para designar um conjunto de diferenças presentes dentro destes grupos, no qual, ainda não se tem uma variante que possa abarcar todas as experiências femininas em África e de outros continentes.

Para tanto, é possível dizer que este trabalho possui grande relevância, tanto no âmbito social quanto científico. No primeiro pode-se trazer personagens esquecidos pela historiografia tradicional, trazendo novas perspectivas, elementos sociais e culturais que possam facilitar a compreensão do papel das mulheres na atuação do processo da (re)definição de identidades africanas. No segundo pode-se trazer um tema ainda pouco explorado pela historiografia tradicional, trazendo novas abordagens para a área da História, trazendo novas perspectivas das lutas e resistência das mulheres negras através da literatura, analisando o processo de (re)construção de suas identidades.

A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho segue a linha da História Cultural Social, no qual foram analisadas três obras de autoras escrevendo de lugares diferentes, distanciando-se em elementos sociais, culturais e políticos, porém tendo algo em comum: a construção de um espaço com o qual as mulheres possam se identificar e com isso criarem as suas próprias identidades. As obras analisadas são os romances de Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi e Scholastique Mukasonga, sendo eles, respectivamente: ‘Niketche: uma história de poligamia’, ‘Hibisco roxo’ e ‘Nossa senhora do Nilo’.

‘Niketche: uma história de poligamia’, esse romance foi escrito em 2002, mas teve sua primeira publicação no Brasil em 2004 pela Companhia das Letras, narrado em primeira pessoa, o termo “Niketche” refere-se a uma dança tradicional do norte de Moçambique, no qual, está dança envolve a sensualidade e o erotismo, é uma dança de afirmação, de ser mulher. Essa obra retrata a história de uma mulher que descobre que seu marido é polígamo, descobrindo, dessa forma, que ele possui mais quatro mulheres e vários filhos, o enredo se dá através da personagem principal à procura das demais esposas de seu marido. A obra também mostra um choque cultural entre uma cultura

patriarcal (referindo-se aos povos do sul que foram colonizados e se tornaram cristãos) e uma sociedade matriarcal (povos do norte que mantem a sua organização social). É interessante observar nesta obra a atuação da personagem principal, que após o processo de independência tal como apresentada pela autora, a principal personagem do romance começa a questionar a questão da poligamia, fazendo refletir que dentro de seu país, existe uma grande diversidade cultural entre as mulheres de seu marido, no qual, é realizado severas críticas ao sistema do patriarcado e é feito um apelo para as mulheres se unirem, pois só dessa forma conseguiriam sua independência e suas liberdades.

‘Hibisco roxo’ foi o primeiro romance escrito por Chimamanda Adichie, foi escrito em 2003 e publicado no Brasil somente em 2011 pela companhia de Letras, esse romance narrado em primeira pessoa, traz a história de uma jovem menina de 15 anos, que é a personagem principal, ela é a filha mais nova de uma família economicamente favorável, tendo como núcleo principal seu pai, que aderiu ao catolicismo, sendo dono de grande parte de indústrias de alimentos, ele é bem conservador em relação a sua família, papa é benéfico com a comunidade, no entanto, em dentro de casa é bastante rígido com seus filhos e com a sua esposa, estabelece horários para eles estudarem, irem à igreja e conversarem; é fervoroso em relação a sua religião e condena a todos que não se converteram ao cristianismo; exalta demais a cultura do colonizador e subjuga a cultura de seu povo, enaltece a língua inglesa e desmerece a sua língua nativa igbo. A sua esposa aparece no romance como submissa a ele, fazendo as suas vontades e ‘agradecendo’ sempre a boa vontade do esposo de não arrumar outras esposas, sendo que na maioria das vezes é maltratada e sofre severas violências por parte dele. Perceber-se na obra constantes dualidades, enquanto de um lado a família de Kambili (personagem principal) está inserida em uma família rica, de outro lado existe a família de sua tia, que mesmo possuindo um cargo elevado, passa por diversas dificuldades ao lado de seus filhos; possuindo uma realidade bem diferente da qual Kambili e seu irmão estavam acostumados a viver, mais isso só será observado por eles a partir de sua convivência com a sua tia e com seus primos, na qual, essa experiência acaba por mudar suas vidas.

‘Nossa Senhora do Nilo’, esse romance foi escrito em 2012, mas só foi publicado no Brasil pela editora Nós em 2017, traz em seu enredo a história de um Liceu, um colégio destinado a meninas pertencentes a Ruanda, no qual uma cota de 10% é destinada a alunas tutsis. O Liceu tenta moldar as meninas para serem boas esposas e excelentes donas de casa, têm como objetivo preservar as virgindades das alunas e lhes arranjar bons casamentos com homens pertencentes a elite. O local acaba tornando-se um espaço de

constantemente conflitos, dando-se a partir da tomada do lugar por alguns líderes da etnia hutu, com isso acaba ocorrendo intensas lutas políticas e incitações aos crimes raciais. Esses conflitos seriam uma alusão ao massacre posterior que acarretaria em um genocídio em massa da etnia tutsi.

A partir da leitura dos romances, buscar-se analisar nas obras aspectos que evidenciam a presença das mulheres negras nestas obras e a construção de um espaço ao qual estão inseridas, analisando a (re)construção de suas próprias identidades. Para tanto será necessário analisar as representações das mulheres contidas nestas obras, o lugar social de onde estão a falar, evidenciando as características sociais, culturais e políticas na qual estão inseridas e o modo como veem o mundo a partir de suas perspectivas.

Este trabalho terá três capítulos, no qual, essa divisão dará ênfase por temáticas, a primeira abordará os países que as obras se referem, a segunda focará nas representações e resistências das personagens femininas e a última trará o processo de (re)construção de suas identidades; as análises das obras se dará pelo critério de publicação no Brasil, a primeira obra a ser analisada será de Paulina Chiziane ‘Niketche: uma história de poligamia’ publicada em 2004, em seguida a obra de Chimamanda Adichie ‘Hibisco roxo’ publicada em 2011 e por fim a obra de Scholastique Mukasonga ‘Nossa Senhora do Nilo’ publicada em 2017. Esta divisão possibilitará ao leitor uma maior dimensão e compreensão da problemática proposta por este trabalho, no qual, a partir do nosso problema ‘como a literatura produzida por escritoras negras contribuiu e influenciou para a resistência e a (re)construção da(s) identidade(s) feminina(s) de suas personagens em suas obras’, entendemos que, para uma boa compreensão dos leitores, as obras ‘Niketche: uma história de poligamia’, ‘Hibisco Roxo’ e ‘Nossa Senhora do Nilo’, seriam analisadas por temáticas, no primeiro momento daremos ênfase a questões de representação e de resistências e no segundo momento daremos ênfase a questões identitárias, no qual, essa estrutura abarcaria todo o problema proposto e com isso possibilitará uma melhor compreensão para os leitores sobre as discussões a serem realizadas neste trabalho.

O primeiro capítulo fará um aparato geral sobre os países presentes nas obras a serem aqui analisadas, será apresentado os contextos históricos dos países de Moçambique, Nigéria e Ruanda, atentando-se para a sua realidade, para seus conflitos durante o período colonial, as causas que levaram as suas independências e as mudanças ocorridas em seu país pós-independência; em seguida discorreremos sobre o termo pós-colonial, apresentando seus conceitos e ambivalências e as críticas sobre este termo. Também consideramos importante trazer o papel das mulheres durante o processo de

independência de seus países e as contribuições para este ato; e por fim daremos atenção para a literatura pós-colonial africana, trazendo os aspectos que a caracterizam e em seguida mostrando a inserção da mulher nesta literatura, mostrando a importância de tal ato e as consequências que resultaram a partir da inserção dela nos espaços literários. O segundo capítulo apresentaremos as escritoras Paulina Chiziane, Chimamanda Adichie e Scholastique Mukasonga, na qual, falaremos de suas trajetórias, de seu posicionamento frente ao debates sobre os feminismos, em seguida analisaremos suas obras partindo da perspectiva da resistência, verificaremos as imagens criadas para as mulheres, tentando enquadrá-las em determinados lugares e analisaremos como ocorre a resistência feminina frente a uma sociedade opressora e marginalizadora, que insiste em subestimá-las e colocá-las a sombra de uma figura masculina. Por fim, no terceiro capítulo traremos, a partir da análise das obras, os elementos que compõem e possibilitam a (re)construção das identidades femininas, mostrando a criação de um terceiro espaço onde ocorre a ressignificação e a negociação de elementos da tradição com a modernidade, (re)criando novas identidades femininas no período pós-colonial.

**CAPÍTULO I**  
**DAS MUNDAÇAS AOS DEBATES PÓS-COLONIAIS**

### 1.1- Apresentando: Moçambique, Nigéria e Ruanda

Este trabalho traz como a análise os escritos femininos a partir do período pós-colonial, dado ênfase principalmente aos escritos literários femininos produzidos a partir do processo de independência dos países africanos. Esses escritos serão analisados partindo do pressuposto de que a literatura africana produzida por mulheres negras possibilitou a (re)construção das identidades femininas de suas personagens, sendo utilizada como uma forma de resistência. As autoras a serem trabalhadas são Paulina Chiziane, Chimamanda Ngozi Adichie e Scholastique Mukasonga, tendo sua origem, respectivamente, em Moçambique, Nigéria e Ruanda. Para tanto, antes de apresentá-las é necessário falar sobre os países a qual estão a se referir em suas obras, verificando o lugar a que estão a escrever, principalmente sobre o processo de independência desses países, pois, dessa forma, será analisado os aspectos sociais e políticos oriundos desse processo pós-independência, verificando, dessa forma, através de suas obras, a representação de suas personagens neste contexto pós-independência. Em seguida, verificaremos as críticas e debates surgidos para designar de forma abrangente a situação dos países após o processo de suas independências, analisando assim ao seu enquadramento no que viria a ser denominado de termo pós-colonial, no qual, será tratado de forma contundente e sintética as consequências e ambiguidades deste termo. Entretanto é importante frisar que não será analisada de forma detalhada sobre os movimentos de independência e tão pouco daremos conta do extenso debate sobre o termo pós-colonial e suas teorias, nosso intuito é trazer elementos que possam facilitar a compreensão destas discussões, atentando-se especificamente para o que queremos problematizar, de como essas literaturas produzidas por mulheres africanas a partir do período pós-colonial possibilitou e influenciou nos processos de sua resistência perante uma sociedade excludente e marginalizada de gênero e na (re)construção de identidades com as quais as personagens femininas de suas obras se identificariam e ressignificariam elementos culturais, sociais e políticos tanto da tradição quanto da modernidade. Por essa razão será dado uma base geral para se entender o contexto histórico de cada país, enfatizando, principalmente, as mudanças ocorridas no cenário pós-independência.

Antes de analisar as causas do processo de independência dos países de Moçambique, Nigéria e Ruanda, atentamo-nos para a frase de Leila Hernandez, em que ela diz “[...] E onde se enxergam essências devemos aprender a ver processos históricos, dinâmicas sociais e culturas em movimento.” (HERNANDEZ, 2008, p.11). Cada país

possui a sua própria organização, na qual, é importante ressaltarmos que antes do processo de colonização no continente africano, cada sociedade tinha seu próprio dinamismo, o que acabou sendo violado pelas imposições de costumes europeus. Para tanto, é necessário entender os desenrolar destes processos, suas lutas pela libertação de seu povo e conquista de sua independência., nesse sentido, essas dinâmicas que existiam antes do processo de colonização, resistiram durante este processo e ressignificaram elementos de suas tradições no pós-independência, independentemente das ações violentas por parte dos colonizadores; as tradições dos povos colonizados foram moldadas por eles mesmos como uma forma de resistir perante o regime explorador e opressor sobre seus corpos e sobre as suas culturas.

Moçambique está localizado no sudeste do continente africano, oficialmente é conhecido como República de Moçambique, é um dos países pertencentes ao PALOP<sup>2</sup>, tendo sido colonizado pelos portugueses, acabou tendo constantes violações sobre suas tradições, costumes, ocorrendo inúmeras guerras externas e internas a partir da imposição de uma fronteira artificial, colocando em um mesmo território, sociedades que possuíam diferenças linguísticas, étnicas, culturais e sociais, provocando dessa forma constantes guerras internas; isto fica evidente na passagem em que Cahen diz que

Todas as fronteiras são artificiais, mas estas são artificiais, decididas num espaço de tempo extremamente curto e por actores exteriores na sua maioria ignorantes do terreno. [...] O Estado pós-colonial africano encontra-se, portanto, confrontando com uma tarefa praticamente impossível: operar a legitimação moderna do seu território pela construção rápida de uma nação que não corresponde em nada à realidade dos povos e identidades presentes no seu território. (CAHEN, 2005, p.42)

É evidente que as imposições acerca dos costumes europeus sobre os povos colonizados africanos, acarretaram inúmeros conflitos dentro do continente africano, ora de etnia contra etnia, ora dos grupos inseridos violentamente contra a sua própria vontade dentro de um território lutando contra os colonizadores; provocando, dessa forma, movimentos contra o regime opressor, contra a violência física e emocional, da violência as suas tradições, da imposição de outros costumes, da exploração de suas terras e da imposição de trabalhos compulsórios e pesados.

---

<sup>2</sup> Países de Língua Oficial Portuguesa

Segundo Hernandez, um movimento acabaria por influenciar bastante nos processos de independência dos países africanos, o qual seria denominado de Pan-africanismo, este movimento, de acordo com a autora seria uma

[...] tomada de consciência das elites culturais africanas em relação as questões econômicas, sociais, políticas e culturais do continente. As idéias centrais contidas no conjunto das escrituras pan-africanas sistematizaram questionamentos, formularam projetos e informaram uma práxis que combateu a opressão e a injustiça, propondo a conquista das independências em âmbito continental. (HERNANDEZ, 2008, p.157).

Esse movimento surgido a partir de uma conscientização de um grupo, contribuiu bastante para o processo de independência dos países africanos, alguns membros da elite ao saírem do continente africano, observaram as dinâmicas de outras sociedades, mais precisamente dos europeus, no qual, apropriaram-se de táticas de guerra dos colonizadores, usaram-na a seu favor e contra o próprio colonizador. Como percebeu-se, durante o domínio português, Moçambique passou por inúmeras dificuldades que acabavam impedindo em grande parte o desenvolvimento de sua população, houvera muitas manifestações contra o domínio colonial, apresentaram-se críticas dentro da literatura e a realização de greves; esses movimentos se intensificaram e acabaram desenvolvendo movimentos nacionalistas, em que em proporções mais radicais, alguns eram movimentos armados.

Durante esse período o movimento que se destacou em Moçambique foi a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), esse movimento lutava pela libertação nacional de Moçambique utilizando-se da luta armada; para tanto, segundo Cahen, esse movimento começou fora do continente africano, para depois adentrá-lo, trazendo consigo experiências exteriores que influenciaram na luta de libertação de seu país, para ele “a Frelimo, como Portugal, teve de utilizar uma identidade exterior às identidades sociais existentes a fim de legitimar a sua ação.” (CAHEN, 2005, p.59). O combate foi lançado oficialmente em 25 de setembro de 1964 e se espalhou para outras províncias; a guerra chegou ao fim em 1974, durante esse período foi estabelecido um governo provisório composto por integrantes da FRELIMO e do governo português, até que em 1975 Moçambique tornou-se oficialmente independente. Após a sua independência, o país acabou mergulhando em uma intensa guerra civil que se estendeu de 1977 a 1992, somente em 1994 o país realizou as suas primeiras eleições multipartidárias e desde então se manteve como uma República Presidencial relativamente estável.

Outro país a ser analisado contextualmente é a Nigéria, este país está localizado na África ocidental e foi colonizado pelos britânicos, logo a sua língua oficial é o inglês, entretanto, além do inglês há outras línguas que são praticadas, tal como o haussá, ibo e ioruba. Para Hernandez a Nigéria é um território multinacional, pois apresenta dentro de suas fronteiras artificiais uma grande diversidade de grupos linguísticos, culturais e sociais, no qual, com a imposição dessas fronteiras, esses grupos foram obrigados a conviver próximo, ocasionando, dessa forma, constantes guerras internas entre si; ao referir-se as sociedades presentes na Nigéria a autora diz

Ao norte ficava o sultanato da Nigéria, estrutura de domínio dos hauças, na sua maioria mulçumanos, integrantes de grande parte da elite militar. A sudeste ficavam os ibos, predominantemente cristianizados, o que não implicava o abandono da religião tradicional baseada no culto dos ancestrais; e a sudoeste era a região dos iorubás, povo com influências islâmicas que contava com uma coesão secular e inúmeras realizações históricas. Nessa perspectiva, é comum afirmar que a Nigéria não era realmente uma nação. Certamente, as identidades de seus povos eram variadas, compostas por escalas de valores e visões de mundo diferentes. O colonizador atuou para abafar as diversidades que, aparentemente adormecidas, ressurgiram com grande força no fim do sistema colonial e foram reforçadas no pós-independência. (HERNANDEZ, 2008, p.199).

A Nigéria é referida como “o gigante da África” por conta de sua grande população e economia que é voltada para o petróleo; é o país mais populoso do continente africano; mesmo possuindo uma grande economia, a população permanece na pobreza, pois os recursos acabam sendo desviados e a prática de corrupção é constante. Internamente havia inúmeros conflitos armados, por conta disso o Reino Unido transformou a Nigéria em uma federação de três Estados em 1957; nesta confederação os povos das regiões norte, sudoeste e sudeste do país da Nigéria passaram tomar conta de sua própria administração, tendo como objetivo alcançarem a sua autonomia. No entanto, mesmo com essas medidas, as dificuldades permaneciam para formar um governo central, pois nenhum Estado conseguia compor uma maioria. Até que em 1969, o CNNC (Conselho Nacional da Nigéria e dos Camarões), que priorizava os interesses do povo ibo e o CPN (Congresso Popular do Norte), priorizava os interesses do povo hauçá, se uniram e junto com o governo britânico, declararam em 1º de outubro de 1960 a independência da Nigéria. Alguns anos depois, o país mergulhou em uma guerra civil, desde então se alternaram no comando do país governos civis eleitos democraticamente e ditaduras militares, sendo que apenas em 2011 as eleições presidenciais foram consideradas as primeiras a serem realizadas de maneira livre e justa.

Ruanda, oficialmente tendo como nome, República de Ruanda; é um pequeno país que fica localizado na África Central. Grande parte de sua população professam o catolicismo e têm como língua mais falada o Kinyarwanda, entretanto, o país possui como línguas oficiais o francês e o inglês, este último foi adotado recentemente. Ruanda foi um grande palco de lutas internas e externas, os colonizadores utilizaram-se, principalmente, das etnias tutsis e hutus para provocarem um dos maiores conflitos interno dentro de Ruanda. Os tutsis eram uma parcela da população que estava no poder, os hutus, grande maioria era considerado um grupo étnico “inferior” aos tutsis; através disso os colonizadores utilizaram-se do mecanismo de enaltecer um grupo em detrimento do outro, manipulando e provocando uma série de conflitos entre essas etnias, isso fica evidente na fala de Hernandez quando ela diz que

[...] É preciso sublinhar que a “questão étnica”, apontada como causa de praticamente todas as “guerras internas” na África, é fruto de manipulação política, em grande parte das vezes segundo interesses econômicos e políticos de alguns setores das elites africanas, associados às empresas europeias e norte-americanas.” (HERNANDEZ, 2008, p.69).

Infelizmente as diferenças étnicas, linguísticas, culturais e sociais destes grupos, foram utilizadas de maneira estratégica, com o intuito de acentuar de maneira negativa as diferenças existentes, estabelecendo desigualdades diante do enaltecimento de um grupo e a submissão de outro. A partir das constantes lutas, Ruanda acabou se tornando um palco de intensos conflitos, então, a alternativa a ser adotada seria a independência de Ruanda, dessa forma

Em plena situação de caos social foram realizadas as eleições e, por significativa maioria de votos, adotada a República. Com a revolução precedendo a independência, em 21 de dezembro de 1961, a Bélgica concedeu autonomia interna a Ruanda e, em 28 de junho de 1962, a Assembleia Geral da ONU fixou para 1º de julho a supressão da tutela e a concessão da independência à República Democrática de Ruanda, ressaltando que o governo independente não seria monoétnico [...]. É sabido, no entanto, que os acontecimentos posteriores acabaram culminando com um dos mais violentos genocídios do século XX, estimando-se em 1.074.017 mortos, ou seja, um sétimo da população de Ruanda, sendo 93,7% de tutsis. (HERNANDEZ, 2008, p.429)

Mesmo após Ruanda ter conseguido sua independência, o país mergulhou em intensos conflitos e a guerra entre hutus e tutsis acabou sendo uma manobra de interesses internos e externos, rivalidades entre grupos internos foram incentivados, guerras tornaram-se frequentes, a fome e a miséria assolavam o país, os países de fora viam nesses conflitos uma maneira lucrativa de seus interesses, logo apoiavam uma pequena elite dentro destes confrontos para conseguirem seus propósitos.

Após a verificação dos países de Moçambique, Nigéria e Ruanda, atentamo-nos principalmente para as suas especificidades, experiências e consequências durante e depois do processo de suas independências, lutas intensas foram travadas em prol de sua liberdade, no qual, ao final algumas “libertações” foram consentidas pela metrópole colonizadora com o intuito de camuflar suas verdadeiras intenções políticas e ideológicas ao beneficiar-se com a independência de suas ex-colônias; algumas estruturas permaneceram em forma de uma nova roupagem, algumas independências foram dadas com o intuito de garantir os interesses das ex-metropóles. A partir disso, perceber-se que mesmo para alguns países, como no caso dos países aqui citados e trabalhados, que após o processo de suas independências, eles mergulharam em intensas e catastróficas guerras civis, em ditaduras, no qual, a rivalidade entre os grupos de etnias diferentes colocados de maneira violenta em um mesmo local de convívio, dando-se através da criação de fronteiras artificiais<sup>3</sup>, que os obrigava-os a viverem juntos, foi usado e manipulado muitas vezes pelas ex-metropóles com a finalidade de conseguir seus objetivos, provocando intensos conflitos internos, armando e enaltecendo um pequeno grupo em detrimento do outro, deixando um legado para a grande maioria da população de guerras, mortes, fome e miséria.

## 1.2- Críticas e debates sobre o termo pós-colonial

Após esse processo de independência dos países africanos, surgiu o termo pós-colonial, no qual, designaria segundo Thomas Bonnici “(...) em lugar de o pós-colonialismo indicar só um evento especificamente histórico, parece descrever a segunda metade do século 20 como um período após o auge do colonialismo.” (BONNICI, 2005, p.189), ele segue adiante e cita o autor Ashcroft et al para descrever este termo a priori ligado a cultura, no qual “o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje.” (ASHCROFT, 1991 apud BONNICI, 1998, p.9). Este termo acabou acarretando consigo inúmeros debates e discussões entre inúmeros e variados estudiosos do tema nos seus campos de conhecimentos, o debate como dissemos anteriormente é extenso, para tal, atentaremos para os pontos essenciais que possibilitarão compreendermos a diante a literatura de

---

<sup>3</sup> Conceito empregado por Michel Cahen em seu texto Luta de emancipação anti-colonial ou movimento de libertação nacional? Processo histórico e discurso ideológico – o caso das colônias portuguesas e de Moçambique, em particular.

cunho feminino no contexto da literatura pós-colonial. Críticos contemporâneos vem recentemente debatendo sobre o termo pós-colonial e suas possíveis ambivalências,

O campo de Estudos pós-coloniais ganhou proeminência desde os anos 1970 (...) embora haja muito debate sobre os parâmetros precisos do campo do pós-colonialismo, o termo Estudos pós-coloniais, geralmente aceito, é o estudo das interações entre as nações europeias e as sociedades que elas colonizaram no período moderno. (BONNICI, 2005, p.186)

Neste sentido, o que vem se discutindo são as singularidades dos resultados adquiridos após o contato, o choque entre a cultura do colonizador e a do colonizado, quais mudanças teriam ocorrido e o que teria permanecido, entre outras palavras, o debate constante era sobre o que se enquadraria nos moldes desta nova teoria e o que seria essa teoria pós-colonial. Para tanto, estudiosos se destacaram na discussão destes estudos pós-coloniais, nomes como Thomas Bonnici, Inocência Mata, Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Spivak se destacam nestas discussões acadêmicas ao apresentarem em seus trabalhos críticas e definições ao termo que seria denominado “pós-colonial”. Thomas Bonnici enfatiza em seu artigo intitulado “avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21”, que o termo faz referência a uma interação entre os países europeus com as suas ex-colônias, no entanto, para ele, é necessário se ater as questões de cunho político e ideológico que estão por traz das implicações deste termo. É necessário uma reflexão e debates que acarretam problemas na utilização deste termo, tal como se refere ao dizer que “muitos críticos consideram o termo pós-colonialismo inadequado (1) por misturar o arquivo temporal com o arquivo ideológico; (2) pela “impossibilidade” da descolonização.” (BONNICI, 2005, p.187). Logo, perceber-se que o processo de colonização deixou marcas irremediáveis nas sociedades por elas colonizadas que, para tanto, segundo o autor, seria difícil um retorno para antes do processo de colonização das sociedades europeias, para ele o termo acarretaria problemas quanto ao seu uso do tempo e do fator ideológico, pois o termo pós-colonialismo procederia do colonialismo, termo empregado com a chegada dos europeus no continente africano, marcado pela sua presença e pelas suas influências, dando a entender que as histórias das sociedades africanas existiriam somente a partir deste contato entre eles, dessa forma, o termo pós-colonialismo faria uma alusão a presença continuada das ex-metropóles vista a partir de uma nova roupagem. Thomas Bonnici complementa ao dizer que mesmo que haja, segundo alguns estudiosos do tema, uma distinção entre o arquivo ideológico e o temporal, o termo pós-colonialismo carrega consigo muitas ambivalências, na qual, segundo ele

Embora se admita a distinção entre o arquivo temporal e o arquivo ideológico de “pós-colonialismo”, discute-se ainda a ambiguidade do mesmo [...]. De acordo com esses autores, o termo “pós-colonialismo” se refere a toda a cultura influenciada pelo processo imperial a partir do momento da colonização até a contemporaneidade. Muitos críticos afirmam que a abrangência dessa definição mistura o período colonial com o período pós-proclamação da independência. (BONNICI, 2005, p.198)

Ou seja, para esses autores o fator ideológico permanece perceptível, na qual, há uma significativa predominância dos traços das imposições dos colonizadores presentes nas culturas dos povos colonizados. O outro fator a ser destacado é que o prefixo “pós” acaba por acarretar uma série de problemas, no qual, ele poderia ser um “elemento de sequência lógica e histórica” (MATA, p.4 apud MCHALLE, 1987, p.5) e/ou também poderia confundir-se com o tempo, referimo-nos ao tempo cronológico datado a partir do processo de independência, junto com questões de cunho ideológicas, no qual, este prefixo poderia indicar uma superação ao seu elemento antecessor ou uma continuidade do colonialismo. Muitos autores discutem essa relação, no qual, para alguns isso seria inviável, já que o colonialismo foi imposto pelos colonizadores e logo o pós-colonialismo seria uma abordagem de uma liberdade ilusória conquistada a partir dos processos de independências de seus países, que segundo alguns desses autores, alguns dos países que foram colonizados ainda estariam sofrendo influências dos países europeus, e que esta fase seria denominada como neocolonialismo, que de acordo com Thomas

Essa abrangência do pós-colonialismo deu origem a vários debates. Muitos discutem que a maioria das ex-colônias não está livre da influência ou dominação colonial e assim não pode ser genuinamente pós-colonial. Em outras palavras, a celebração triunfante de independência disfarça o atual neocolonialismo sob o pretexto de modernização e desenvolvimento numa era de globalização crescente e de transnacionalismo. Há ainda países que ainda estão sob dominância estrangeira. Além disso, a ênfase sobre o colonizador/colonizado obscurece a operação de opressão interna dentro das colônias. (BONNICI, 2005, p.189).

Seguindo esta linha de pensamento, Inocência Mata diz que

Tem de lembrar, por outro lado, a teoria pós-colonial que nem os países africanos são todos igualmente pós-coloniais (...). E por causa dessas diferenças, é preciso que na sua avaliação o crítico se proponha negociar, teoricamente, as relações de semelhança e diferença, de rupturas e continuidades operadas no período pós-independência, a fim de não operar, acriticamente, a transferência de teorias explicativas de uma situação histórica para espaços outros apenas pela sua “proximidade afectiva” ou “conveniência ideológica”. Aliás, um dos corolários do conceito de *différance* é a possibilidade, quase exponencial, de se pensar a identidade nacional, social e cultural, como processo em constante reconfiguração. (MATA, ano, p.5).

Logo, a teoria em torno do termo pós-colonial, dever-se precaver ao tentar homogeneizar as experiências pós-independência das sociedades africanas colonizadas,

deve levar-se em consideração as experiências destas ex-colônias, suas especificidades, no qual nem todas tiveram as mesmas experiências pós-independência com seus respectivos colonizadores. Outro problema derivante desta ideia, segundo Inocência Mata, é concepção de que somente no período pós-colonial foi possível a formação de uma cultura híbrida, no qual, seria uma concepção errônea ao afirmá-la; para ela uma troca cultural já se realizaria dentro das dinâmicas internas das sociedades africanas antes e durante o processo de colonização, e que, ao não levá-las em consideração estaria a desvalorizar todo um sistema de organização e resistência por parte dos grupos colonizados e deixaria a margem as suas dinâmicas sociais internas em detrimento das dos centros europeus. No entanto acreditamos que essa hibridez cultural tenha sido bastante diferente do que ocorrerá antes das invasões europeias no continente africano, falamos de uma cultura que foi violentamente imposta aos povos colonizados e que isso resultou em um sistema demasiadamente opressivo, no qual, as culturas foram assimiladas através da opressão e imposição por parte dos colonizadores, cada qual possuindo suas especificidades, segundo Said “todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo.” (SAID, 2011, p.19).

Partiremos da perspectiva sobre o conceito de hibridismo como sistemas culturais sobre o que Homi Bhabha afirmou de ocorrerem em um “terceiro espaço da enunciação” (BHABHA, 1998, p.67), no qual, de acordo com Bhabha

[...] É o Terceiro Espaço que, embora em si irrepresentável, constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo. (BHABHA, 1998, p.67-68)

A partir do período pós-colonial, esse espaço seria o resultado do encontro e/ou choque das culturas dos povos colonizados com a cultura dos povos colonizadores, no qual, criaria um espaço composto pela assimilação e ressignificação dos elementos tradicionais e modernos presentes nestas culturas, para ele, esses elementos seriam traduzidos e negociados de acordo com os novos interesses de cada grupo. Para Bhabha o hibridismo seria uma assimilação das culturas do colonizador por parte dos povos colonizados e marginalizados, com o intuito de não somente apropriar-se dessas culturas, mas sim, de utilizá-las contra o próprio colonizador, como uma forma de resistência perante o regime opressor, isto fica evidente quando Thomas Bonnici declara que a língua

do colonizador, dita como oficial, foi apropriada pelos povos marginalizados, como uma forma de resistência, no qual segundo ele

Ao mesmo tempo, o escritor pós-colonial assume a “apropriação”, através da qual a língua europeia se adapta a descrever o ambiente não-europeu etc. Portanto, o uso da linguagem é, em todos os casos, uma variante de um referente não-existente [...]. Através da apropriação o colonizado assume a linguagem (e outros itens como o teatro, o filme, a filosofia) do colonizador e a põe a seu próprio serviço. Portanto, é a maneira pela qual a cultura colonizada usa os instrumentos da cultura dominante para contrapor-se ao controle político do dominador. O nigeriano Achebe (contra o queniano Ngugi) sempre foi a favor do uso do inglês para expressar as experiências culturais nigerianas e para atingir o maior número de leitores. Como os textos de vários autores oriundos de ex-colônias mostram, a linguagem é extremamente poderosa para construir textos anticoloniais. (BONNICI, 2005, p.195)

Dessa forma, precisamos compreender que o processo pós-colonial, partindo das experiências pós-independência de cada país, possibilitou um leque variado de textos anticoloniais, trazendo elementos essenciais para se compreender os processos de independências desses países e as suas consequências, além disso possibilitou uma grande quantidade de textos literários que abordam em suas entrelinhas questões sociais, culturais e políticas de uma dada sociedade, discutindo seus problemas étnicos, raciais e sociais e resistindo através de suas escritas e com isso possibilitando contar a sua própria história. Mata nos proporciona isso ao dizer que

O pós-colonial pressupõe, por conseguinte, uma nova visão da sociedade que reflecte sobre a sua própria condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural. Não tendo o termo necessariamente a ver com a linearidade do tempo cronológico, embora dele decorra, pode entender-se o pós-colonial no sentido de uma temporalidade que agencia a sua existência após um processo de descolonização – o que não quer dizer, *a priori*, tempo de independência real e de liberdade, como o prova a literatura que tem revelado e denunciado a internalização do *outro* no pós-independência. (MATA, p.9-10).

Para Inocência Mata, o termo pós-colonial precederia a partir não somente de um tempo cronológico, para ela este termo poderia estar vinculado a partir do processo de “descolonização” dos países africanos; entretanto, este termo causa grandes debates entre os estudiosos do tema, por acarretar consigo muitas ambivalências; entretanto, é categórica ao afirmar, que mesmo com esse processo, com a conquista de suas independências, esses países não estariam isentos das influências dos países europeus.

Por fim, após a análise dos debates sobre os conceitos e ambivalências do termo pós-colonial, apresentando alguns trabalhos, autores e suas ideias sobre o assunto, para fins do trabalho, utilizaremos o conceito de pós-colonial não somente como uma sequência lógica do tempo, embora dele resultar, ou como a superação ou a continuação

do colonialismo; utilizaremos o termo para designar as mudanças culturais, sociais, ocorridas nas formas de agir e pensar, principalmente dos povos colonizados, ressaltaremos as mudanças comportamentais das personagens femininas dos romances e verificaremos as suas posições diante de uma tomada de consciência de seus verdadeiros lugares na sociedade e dos novos desafios apresentados a elas a partir do choque dos elementos tradicionais com os elementos da modernidade, ou seja, será utilizado como forma de demonstrar as mudanças sociais, culturais na vida de cada personagem feminina, mostrando seu receios, suas lutas de resistência e a (re)construção de suas identidades.

### 1.3- Novas perspectivas: Mudanças no cenário literário a partir de 1960

Perceber-se uma luta intensiva pelos direitos das mulheres no continente africano, no qual, como veremos adiante, elas participaram ativamente de movimentos políticos, de mobilizações sociais em prol da liberdade de seus países, com isso, é possível verificarmos a partir do processo de independência de seus países uma forte inserção das mulheres no cenário literário, em que outrora esses espaços pertenciam somente aos homens. A partir da sua inserção na literatura é verificado mudanças significativas, na qual, as suas histórias são contadas a partir de suas perspectivas, contando, dessa forma, a sua participação nas lutas anticoloniais, suas tradições, seus desejos, suas angústias, suas resistências a partir de um olhar feminino.

#### 1.3.1- Presença das mulheres nas lutas anticoloniais

Durante o processo de independência, de uma forma geral, as mulheres tiveram um papel fundamental nas lutas anticoloniais; enquanto de um lado a tradição lhes negava o direito de escrever a sua própria história, colocando na maioria das vezes à sombra de uma figura masculina, limitando-as nos espaços domésticos, no qual “ a vida para essas mulheres africanas foi sempre de restrições quanto ao que lhes era oferecido. A elas, não era permitido participação à vida social e econômica do país” (CUNHA, 2010, p.65), de outro lado, elas lutaram constantemente pelo seu espaço de fala, a luta não foi fácil ao insistirem no seu direito de escrever sobre a sua própria história; para Jacimara Santana, a libertação e participação das mulheres no processo de independência foi fundamental, pois para ela

A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução uma garantia de sua continuidade, uma condição de seu triunfo. A Revolução tem por objetivo essencial a destruição do sistema de exploração; a construção de uma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia como o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge

a questão da emancipação da mulher. Não se pode liquidar só uma parte da opressão [...] como fazer então a Revolução sem mobilizar a mulher? Se mais da metade do povo explorado e oprimido é constituído por mulheres, como deixá-las à margem da luta? A Revolução para ser feita necessita mobilizar todos os explorados e oprimidos, por consequência, as mulheres também. (MACHEL, 1979, p.18 apud SANTANA, 2009, p.82)

Mudanças significativas ocorreram desde as lutas anticoloniais ao período pós-colonial, durante as guerras muitas mulheres participaram deste processo de independência, lutando direta ou indiretamente para a realização deste ato, algumas participaram ativamente das guerras em suas frentes de combates, chegando a pegar em armas, outras contribuíram através de campanhas, no qual “[...] elas mobilizavam a população e, de modo especial às mulheres, visando despertar uma “compreensão política da guerra” e a adesão ao movimento.”( SANTANA, 2009, p.75). Haviam mulheres que, mesmo sem participar de forma direta na luta pela independência, contribuíram de maneira significativa para a sua efetivação, as mulheres assumiam a chefia de suas famílias para pôr as coisas em ordem quando os homens deixavam seus lares em prol destas lutas anticoloniais, outras ajudaram significativamente no “transporte de material, na produção de alimentos para as (os) combatentes, como informantes, professoras ou enfermeiras.”( SANTANA, 2009, p.75).

A partir do período posterior as lutas de libertação nacional, no qual, como evidenciamos anteriormente, o período denominado por alguns estudiosos de pós-colonial, evidencia um grande choque entre questões da tradição e questões da modernidade na construção/reconstrução das identidades femininas africanas; verificar-se mudanças no comportamento e nas formas de pensar que ocorrem a partir da ressignificação dos elementos compostos pela tradição e pela modernidade, no qual, a mulher se inserem em novos espaços, criando (novas) identidades com as quais elas possam se identificar. Para Raquel Ferro da Cunha, as lutas femininas são árduas, no qual, a cada dia são moldadas a medida que a mulher toma consciência de sua realidade, para ela “torna-se difícil a batalha feminina à medida que a modernidade e a tradição, duas forças poderosas que fazem parte do pós-colonialismo, entram em choque e por vezes moldam o novo estatuto da mulher africana.” (CUNHA, 2010, p.71). Ou seja, a partir deste choque de elementos tradicionais com os elementos desta modernidade, perceber-se uma (re)construção das identidades femininas que surgirá a partir da ressignificação destes elementos e irá compô-la e moldará as suas atitudes e identidades, principalmente, a partir do período pós-colonial.

### 1.3.2- Literatura feminina pós-colonial

A literatura pós-colonial segundo Ashcroft et al, seria o resultado das experiências providas a partir do processo de colonização, no qual, esse processo deixou marcas profundas nas estruturas das sociedades que viveram violentamente as agressões realizadas pelas metrópoles, na qual, sofreram violências nas suas culturas e tradições; dessa forma, para ele

O pós-colonialismo compreende toda a cultura influenciada pelo processo imperial desde o início da colonização até a contemporaneidade. Independentemente de suas características especificamente regionais, a literatura pós-colonial é o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador. (ASHCROFT ET AL, 1989 apud BONNICI, 2005, 191)

A partir disso verificar-se que as experiências após os processos de colonização foram relatadas em textos literários, utilizando, dessa forma, a escrita e a língua oficial do colonizador, no qual, estas mesmas armas haviam sido utilizadas como formas de impor a cultura europeia sobre os povos colonizados, a utilizam a partir deste momento como uma ferramenta de resistência, usando as armas de dominação contra o próprio colonizador. Para tanto é importante frisar que ao utilizá-la, a literatura pós-colonial produzida nas sociedades africanas a usam como forma de resistência, como uma forma de “descolonização” de saberes, de desestabilização de todo um aparato dominante eurocêntrico; pois ao apropriar-se da língua do colonizador e trazendo elementos presentes no seu meio social e na sua cultura, como variantes, dialetos próprios de sua língua africana, eles ressignificam e recriam um novo modelo que foge do tradicional canônico literário europeu, por isso

O projeto de descolonização da literatura eurocêntrica implica a crioulização da língua européia, o uso da paródia e da mímica, a apropriação do poder para afirmar a identidade através da re-leitura, a denúncia do estrago colonial revelado pela diáspora, a ampliação do cânone literário, a ruptura da primazia dos textos metropolitanos pela re-escrita. (BONNICI, 2005, p.193).

Com a apropriação da língua europeia, os escritores africanos buscam levar a conhecer a sua história para um maior número de pessoas, para tanto é “através da apropriação o colonizado assume a linguagem [...] do colonizador e a põe a seu próprio serviço.” (BONNICI, 2005, p.195). Outro fator importante de características destas literaturas pós-coloniais é que o foco é redirecionado do centro para a margem; durante o período colonial os textos literários eram limitados somente as metrópoles, sendo que estas controlavam de forma restrita as obras que poderiam ou não ser publicadas; perceber-se uma mudança significativa deste centro para a margem, ampliando o

canônico literário, inserindo a história contada pelos povos marginalizados por eles próprios. O cânone literário europeu era tido como modelo e referência, no qual, os não-europeus para terem seus trabalhos publicados, tinham que se adequar a este modelo, no qual “[...] as profissões e as organizações profissionais são estruturadas hierarquicamente: os estilos e padrões dominantes operam para incluir e excluir outros da qualidade de membros.” (SCOTT, 2011, p.73). Quem não seguissem este modelo, não tinha seus trabalhos publicados, entretanto, a partir de uma conscientização de seus atos, de suas ações na sociedade, tanto homens quanto mulheres escritoras começaram a desvencilhar destas amarras, tendo como intuito contar a sua história, acrescentando suas características singulares na forma de (re)fazer o canônico literário, no qual

O deslocamento da literatura do “centro” para a “margem” favorece a conscientização da subjetividade tolhida pela ação colonizadora. A leitura de textos ficcionais pós-coloniais e de teoria pós-colonial oriundos de autores nascidos em ex-colônias já é um indício e um fator importante de um discurso alternativo. (BONNICI, 2005, p.197)

A partir da resistência as normas e a regimes opressores, criam-se estratégias para romper com as barreiras impostas, cria-se uma nova história a partir da conscientização e da luta através da escrita pelos direitos dos povos deixados a margem. Com isso, as literaturas pós-coloniais proporcionaram um grande elemento de desmitificação do cânone literário europeu, do ocidente pois

Até certo ponto, todas as literaturas nacionais desenvolveram o seguinte esquema para chegarem a ser consideradas como tal: (1) a imitação de um padrão dominante e sua assimilação ou internalização; (2) a rebelião, onde tudo o que foi excluído pelo padrão dominante começa a ser valorizado. (BONNICI, 1998, p.18)

Para Thomas, a língua seria uma forma de resistência, ao escreverem a sua própria história, no qual, torna-se um grande ganho quando os povos marginalizados começam a reivindicar o seu lugar de fala e a se posicionar contra a um sistema dominante e opressor, acreditamos que os escritores/as são mais preocupados em contar as suas experiências, a se (re)construírem, a fazer uso da sua escrita em prol de seus países, contando a sua história a partir de discursos alternativos, para tanto, concordamos quando Said diz que

Não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. A cultura e suas formas estéticas derivam da experiência histórica. (SAID, 2011, p.15)

Acreditamos que a partir das experiências desses escritores e principalmente a partir do período pós-colonial, surge como consequência do choque dessas culturas, da tradição versus as demandas elencadas pela modernidade, o hibridismo cultural, no qual, segundo Homi Bhabha, as culturas seriam todas híbridas, para ele “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (BHABHA, 1998, p.65). Com isso ela é tida aqui como a construção de novas identidades, reconfiguradas em um terceiro espaço denominado por ele como “terceiro espaço de enunciação” (BHABHA, 1998, p.67); esse hibridismo constrói um novo sujeito a partir do período pós-colonial, seus elementos são traduzidos e negociados a todo momento. É importante frisar que ao se apropriar do idioma, da língua do colonizador para escrever seus textos literários, os escritores africanos/as ressignificam elementos de suas tradições, inserindo palavras de suas culturas no ato de sua escrita, é uma forma de “descolonizar” a língua europeia, utilizando-a como forma de resistência e de afirmação de identidades, há um termo que abrange esses fatos denominado de ab-rogação, no qual, ele significa

A ab-rogação é a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativo e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras. É um momento da descolonização do idioma europeu [...]. Como o idioma é um instrumento ideologicamente carregado, o autor pós-colonial sempre se encontra numa verdadeira tensão entre os pólos da ab-rogação do idioma castiço recebido da metrópole e da apropriação que submete o idioma a uma versão popular, atrelado ao lugar e às circunstâncias históricas. (BONNICI, 1998, p.15)

A partir do período pós-colonial, em que é percebido significativas mudanças nas estruturas, na qual, a tradição choca-se com a modernidade, na qual, identidades são construídas e reconstruídas, sendo ressignificadas constantemente, formas de resistências emergindo contra toda forma de opressão, perceber-se um elemento de suma importância para a (re)afirmação de identidades, de resistências, que abrange os desejos, as ideias, as dores das mulheres negras africanas; a partir do período pós-colonial, verifica-se a emergência de uma literatura pós-colonial de cunho feminina, na qual, está começa a ganhar grande visibilidade, pois “o aumento da consciência acarretou a descoberta da “verdadeira” identidade das mulheres, a queda das viseiras, a obtenção de autonomia, de individualidade e, por isso, de emancipação.” (SCOTT, 2011, p.86). Muitos estudiosos do tema da literatura feminina pós-colonial trazem em seus discursos que, somente com o artifício da escrita a mulher conseguiu adentrar em espaços que antes eram predominantemente masculinos, com isso, a escrita a possibilitou de escrever a sua própria história, na qual

Assenhoreando-se da pena, a mulher negra passa a pensar-se afirmativamente enquanto sujeito e a (re)construir-se a partir de uma compreensão de si, de sua condição interior. Ao escrever, não somente está fazendo literatura, no sentido estético, mas também desestabilizando todo um discurso hegemônico, cujo poder tenta, a todo custo, silenciar sua voz. (SANTOS e ROCHA, 2014, p.8).

Percebeu-se nas publicações um número crescente e considerável de escritores masculinos na literatura, existindo, dessa forma, segundo Bourdieu, um “poder simbólico” de um gênero sobre o outro gênero, que nesse último caso seriam as mulheres; para Bourdieu esse poder “é um poder de construção da realidade que tende estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)” (BOURDIEU, 2007, p. 9); ou seja, a uma dominação de obras masculinas em relação a obras femininas, no qual, essas obras as retratavam a partir de seus olhares, de forma estereotipada, no qual, elas eram excluídas e marginalizadas pela historiografia tradicional; isso fica evidente na obra de Maria Nazareth Soares, quando ela diz “[...] que é possível perceber em vários poemas traços específicos do modo como as escritoras, projetando-se no mundo que recriam através das palavras, recuperam gestos, falas de um corpo quase sempre condenado ao silêncio e à exclusão” (FONSECA, 2004, p.283). Para tanto se observou a necessidade de trazê-las, com o intuito de entender a sua resistência através da literatura produzida por elas. A análise de seus escritos se dá a partir do processo da independência de seus países, verificando a sua inserção na literatura, na qual, ficou evidente a partir da década de 1960. Segundo Maria Nazareth, essa chegada tardia das mulheres na literatura, se daria, como observada por ela, a partir do processo de independência dos países africanos, em que outrora, as mulheres eram totalmente excluídas da criação literária, no qual, perceber-se que este fator ocorreu devido

[...] Em África muitos fatores podem explicar a chegada tardia das mulheres à literatura: a dificuldade de acesso à instrução, as tradições seculares que delegam à mulher as funções relacionadas com a maternidade e com a criação da prole e, certamente, os critérios de seleção utilizados pelos editores. (FONSECA, 2004, p.284).

Para tanto será necessário analisar o lugar social a que esta mulher estar a falar e a escrever, focando, dessa forma, em aspectos culturais e sociais a que esta mulher está inserida em seu meio, é necessário compreender-se como se deu o processo de construção das identidades de suas personagens através da literatura africana pós-colonial. A partir das obras ‘Niketche: uma história de poligamia’, ‘Hibisco Roxo’ e ‘Nossa Senhora do Nilo’, é possível analisarmos a resistência através dos escritos destas autoras, compreendendo, dessa forma, o processo de construção de suas identidades a partir do período pós-colonial; no qual, segundo Laura Padilha, com a inserção da mulher na

literatura, as mulheres começam a “consolidar uma determinada identidade cultural” (PADILHA, 2004, p.256). Começa a se perceber uma entrada significativa de mulheres em espaços que antes eram predominantemente dominados por homens, verificando-se dessa maneira a inserção da mulher negra na literatura, no qual, a partir de então a maioria dos escritos falando sobre mulheres são produzidos por elas mesmas.

Perceber-se uma mudança significativa em que, as obras mencionadas neste trabalho ‘Hibisco roxo’, ‘Niketche: Uma história de poligamia’ e ‘Nossa senhora do Nilo’, apresentam questionamentos que auxiliam na compreensão do processo de construção das identidades das mulheres africanas; trazendo elementos fundamentais para se pensar esse processo, tais como o papel social da mulher, temas ligados ao machismo, às tradições, as desigualdades, a liberdade de expressão. De uma forma geral, perceber-se nestas obras uma nova forma de se identificar o universo em que as mulheres estão inseridas, a partir disso se (re)constrói identidades com a quais elas possam se identificarem. Verificar-se que as mulheres foram deixadas a margem da produção canônica africana e que isso dificultou a escrita de sua história partindo de um olhar feminino, de contar as suas próprias experiências a partir de seu ponto de vista. A literatura proporcionou a elas inúmeras possibilidades de contar a sua própria história, reescrevendo-a e colocando a realidade a partir da perspectiva feminina; entretanto, é necessário analisar a literatura feminina produzida a partir do processo da independência de seus países e, na qual, ela se inseriria em uma literatura pós-colonial.

Portanto, o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade. De modo semelhante ao que aconteceu nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista, a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Esta posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas e modos literários e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nestes debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; outrossim, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista. (BONNICI, 1998, p.13)

Dessa forma é importante verificarmos os debates acerca desta literatura, que traz em sua bagagem uma gama de possibilidades e de críticas, na qual, para alguns estudiosos do tema, essas literaturas de cunho feminino seriam uma forma de resistência perante a um regime opressor, ao qual relegou a mulher a um espaço excludente e marginalizado, outros acreditam que esta literatura não está isenta das influências europeias, no qual, ela seria um resultado do choque conflituoso entre os colonizados e colonizadores. Para Raquel Ferro da Cunha, as mulheres ao longo da história foram silenciadas,

marginalizadas, eram consideradas incapazes e sem autonomia para falar sobre a sua própria história, e com o acesso ao espaço de letramento, em que outrora esses espaços eram destinado quase que exclusivamente para homens, elas puderam utilizar-se da escrita como uma forma de resistência e com isso retratar a sua realidade a partir de sua perspectiva, para ela “as mulheres mantiveram-se durante muitos anos caladas, sem espaços para nenhum tipo de manifestação textual ou verbal, e hoje têm a possibilidade de firmaram-se na literatura, contribuindo para reconstrução identitária e histórica do país.” (CUNHA, 2010, p.65). A partir de sua inserção nos espaços de produção literária, elas conseguiram se firmar, conseguiram quebrar estereótipos impostos pela visão masculina e começam a delinear traços de sua história frente a inúmeras situações que haviam a colocado à margem.

A escrita feminina tornou-se uma arma contra qualquer forma de repressão, ela é uma forma de resistência, que fala por si própria sem precisar que o outro a faça; resistir é uma luta constante, as escritoras negras africanas começam a evidenciar em suas obras traços de suas identidades, de seus sonhos, colocam no papel suas ideias, seus sentimentos, suas sensibilidades, um mundo visto a partir de sua perspectiva, colocando elementos de sua tradição e os ressignificando para uma nova etapa a que estar vivenciando, que é a dita modernidade. No entanto mesmo com essas barreiras que as mulheres conseguiram transgredir através de suas árduas lutas, infelizmente suas escritas continuam a ser marginalizadas, por isso é necessário dar voz a esses sujeitos, pois, dessa forma, poderão elas próprias contar a sua história. Por fim, a literatura tornou-se uma ferramenta de resistência para as pautas femininas, de acordo com Inocência Mata

[...] É que não raro é apenas por via da literatura que as linhas do pensamento intelectual nacional se revelam, e se vêm revelando, em termos de várias visões sobre o país e identidades sociais, coletivas e segmentais, conformadas nas diversas perspectivas e propostas textuais. (MATA, p.2)

Ou seja, os romances tornam-se essenciais para a compreensão e afirmação de uma dada identidade, através deles, podemos verificar nas suas entrelinhas as resistências femininas, seus desejos, seus medos, seus sonhos, no qual, Edward Said diz que

A crítica recente tem se concentrado bastante na narrativa de ficção, mas pouquíssima atenção se presta a seu lugar na história e no mundo do império (...) elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a sua existência de uma história própria deles. (SAID, 2011, p. 4)

A partir destas literaturas, as mulheres começam a se firmarem e a se identificarem com a criação de um novo espaço e com a (re)construção de suas identidades, a partir do acesso a instrução e das publicações de suas obras, elas possibilitam que seus trabalhos ganhem grandes dimensões, levando suas lutas, suas ideias, seus desejos, suas angustias, suas culturas para outras sociedades.

**CAPÍTULO II**  
**DA REPRESENTAÇÃO A RESISTÊNCIA**

## 2.1- Apresentando as autoras: Chiziane, Chimamanda e Mukasonga

Analisaremos neste capítulo os papéis que são impostos pela sociedade, pelas tradições, ao tentarem limitar e delinear os traços das personagens femininas nas obras ‘Niketche: uma história de poligamia’ de Chiziane, ‘Hibisco roxo’ de Chimamanda e ‘Nossa senhora do Nilo’ de Mukasonga e verificaremos as estratégias criadas por essas personagens como forma de resistir as barreiras impostas ao adentrarem em espaços que outrora pertenciam somente aos homens, analisando, dessa forma, os aspectos que levaram a uma tomada de consciência frente a questões de opressão e de marginalização sofridas por elas, na qual, acabavam as limitando-as na esfera doméstica.

Paulina Chiziane, Chimamanda Adichie e Scholastique Mukasonga trazem em suas obras aspectos que evidenciam elementos de resistência e luta pela consolidação das identidades femininas presentes em suas obras, trazem a questão do que é ser mulher, das lutas diárias e dos conflitos gerados a partir de uma tomada de consciência de seu papel na sociedade, no qual, segundo Gayatri Spivak em seu livro ‘Pode o subalterno falar?’, considera que o papel do intelectual é dá voz e fazer com que os subalternos, os marginalizados possam falar e possam ser ouvidos, para ela, o papel da intelectual feminina é promover questionamentos e se criar espaços de auto representação, no qual

É, principalmente, à mulher intelectual que seu apelo final se dirige – a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (SPIVAK, 2010, p.15)

Com isso, essas escritoras apresentam nas suas obras os anseios de suas personagens, seus medos, seus sonhos, suas experiências, demonstrando formas diferentes de resistir perante a uma sociedade machista e sexista. Para tanto, para entendermos o universo feminino proposto por essas autoras é necessário conhecer um pouco de suas histórias, entender como elas se relacionam com a temática dos ‘feminismos’ das mulheres negras africanas e verificar o compromisso delas com uma escrita que traz elementos essenciais para a compreensão da história de mulheres excluídas e marginalizadas, no qual, podemos deferir que “a escrita pode ser entendida como uma estratégia de poder, desenvolvida pelas mulheres no enfrentamento de situações em que as relações de gênero contribuem para a opressão feminina” (SANTOS; MENDES, 2016, p.52), dando, dessa forma, voz e destaque a elementos de resistência presentes nas suas obras, nos comportamentos e personalidades de suas personagens femininas.

### 2.1.1- Paulina Chiziane

Paulina Chiziane nasceu em 4 de junho de 1955, de origem moçambicana, pertencia a uma família de protestante, onde em seu núcleo familiar se falava duas línguas, o chope e o ronga, aprendeu a falar português a partir de sua entrada em uma escola de missão católica, de acordo com ela

Aos seis anos de idade abandonei o campo com meus pais e fomos viver no subúrbio da cidade. Entrei na escola católica. Apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo. A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, de acordo com o princípio cristão. (CHIZIANE, 2013, p.201)

De acordo com Chiziane a questão do lugar da mulher era algo limitado e colocado como absoluto tanto pela tradição como pelas instituições, no qual, seu lugar era circunscrito pelo espaço doméstico, cuidar do lar e dos filhos; ao sair desta limitação impostas pelas barreiras da sociedade, acabou encontrando muitas dificuldades, no qual, segundo ela, “devo confessar que nas condições da actual sociedade, se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais.” (CHIZIANE, 2013, p.203). Durante a sua juventude participou ativamente de ações ligadas a política; na luta pela independência de Moçambique, militou como membro da FRELIMO; no entanto, com o passar do tempo ela deixou de se envolver com a política e dedicou-se a escrever as suas obras. Desiludida com a política dedicou-se a literatura e em 1990 tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, e venceu em 2003 com o seu livro ‘Niketche: uma história de poligamia’ o Prêmio José Craveirinha, que é um dos prêmios mais importantes de literatura em seu país.

Paulina não se considera uma feminista, mas sim uma contadora de histórias, no qual, segundo ela “não me sinto nem feminista nem coisa nenhuma. Eu me sinto uma guerreira. O que eu faço é guerra. A partir do momento em que eu comecei a colocar determinados temas e pontos de vista em debate eu comecei a mostrar que as mulheres também se levantam.” (CHIZIANE, 2017). Para Paulina, a literatura e as palavras tornam-se instrumentos de transformação da realidade. Em suas obras ela procura dá destaque ao personagem feminino, questionando em suas obras as tradições e o papel social da mulher como construtora de sua própria identidade, ela evidencia o seu compromisso com a escrita, no qual, segundo Chiziane

Esta é a minha situação e a minha luta. Com as minhas mãos, afastou pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construiu um novo caminho na esperança de que, num futuro não tão distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos. (CHIZIANE, 2013, p.204)

Verificar-se que seus trabalhos estão ligados as suas raízes culturais, abordando temas femininos em um país em que a atividade é exercida quase que em sua totalidade por homens, ela traz em sua obra elementos que se possam identificar as essências do país de Moçambique, apresentado suas histórias, suas tradições, suas lendas e seus costumes, elencado, dessa forma, as diferenças tanto do sul quanto do norte de seu país. Paulina Chiziane apresenta uma grande trajetória de vida, no qual, aborda temas femininos a partir de sua perspectiva, trazendo em seus romances um reflexo da realidade de seu país, no qual, aponta as dificuldades encontradas pelas mulheres ao resistirem e lutarem para criarem um mundo com mais igualdade entre mulheres e homens.

#### 2.1.2- Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de setembro de 1977, é uma escritora nigeriana e é reconhecida como uma das mais importantes jovens escritoras. Nasceu na cidade de Enugu, no país da Nigéria, mas cresceu na cidade universitária de Nsukka, situada no sudeste da Nigéria. É uma referência na luta contra a discriminação sexual, estudou Comunicação e Ciência Política, além de ser Mestre em Escrita Criativa e estudos africanos. A partir de seu trabalho, destacando a literatura africana e o seu lema “todos devemos ser feministas”, ela se tornou mundialmente conhecida por suas ideias relacionadas à igualdade de gênero e raça.

Chimamanda participou de duas palestras no TED, no qual, acabou disseminando algumas de suas ideias e concepções acerca de seu país, a primeira palestra denominada ‘O perigo da história única’, na qual, ela retrata os estereótipos empregados para designar o continente africano como homogêneo e trazendo imagens negativas de suas realidades, exaltando muitas vezes a fome e a pobreza, no qual, “para Adichie, o problema com estereótipos não é que eles estejam errados; a característica é exatamente que eles são incompletos.” (ALVES; ALVES, 2017, p.6). Ou seja, dá-se ênfase a somente pontos negativos e desmerecem e desvalorizam as culturas e os costumes locais. Outra palestra que repercutiu bastante no TED foi denominada de ‘Todos devemos ser feministas’, ela traz questões que envolvem as lutas diárias femininas, aborda o conceito de feminismo e

coloca em evidência as imagens pejorativas impostas as mulheres que se identificam com os feminismos africanos.

Em uma entrevista, Chimamanda respondeu que sempre foi familiarizada com as questões ligadas ao universo feminino, percebeu desde pequena as opressões que as mulheres sofriam; quando era pequena, era proibida de participar de determinados rituais, pelo fato de ser mulher, no entanto, via em seu núcleo familiar mulheres que lutavam frente a esses entraves que as limitavam, com isso nasceu a sua paixão por falar em suas obras de mulheres, as suas experiências foram essenciais em sua jornada, para ela

Ser feminista te faz mais consciente dessas pequenas coisas, de que há pessoas às quais não ocorre que as mulheres também somos seres humanos. Sempre que me perguntam como cheguei a ser feminista, digo que não me fiz feminista, sempre o fui. Desde criança. E não por ter lido um livro. (CHIMAMANDA, 2017)

É interessante observarmos que Chimamanda traz elementos a se pensar a Nigéria nos dias atuais, trazendo aspectos que resultaram após o processo de independência da Nigéria, faz uma reflexão através do romance acerca das tradições, da política, da cultura, em que a cultura do colonizador se tornou mais atraente do que a cultura local, a falta de liberdade de expressão, a precariedade nos sistemas públicos, a intolerância religiosa, as desigualdades sociais, as resistências e as opressões sofridas pelas mulheres, a violência doméstica; elementos esses que nos fazem nos aproximar de uma realidade muitas vezes que é considerada tão distante por nós. De acordo com Iulo Alves e Tainá Alves

Chimamanda Adichie incorpora o discurso da diferença e se vale do pertencimento a ela para expor momentos de discussão. Assim, pela compreensão própria de seu universo (de diáspora, de exclusão pelo Ocidente, de conhecimento e reconhecimento de seu lugar), a escritora traz diversas histórias de representação e com intento pela conscientização da urgência da busca pelo conhecimento, pelo entendimento do 'outro' e de outros lugares. (ALVES; ALVES, 2017, p.7)

### 2.1.3- Scholastique Mukasonga

Scholastique Mukasonga é uma escritora que pertence a etnia tutsi do país de Ruanda, nasceu em 1956 e foi uma das sobreviventes do genocídio ocorrido em Ruanda na década de 1990 entre tutsis e hutus. Atualmente ela vive na França, ela migrou para este país dois anos antes do genocídio ocorrido em 1994, no qual, acabou dizimando quase toda a sua família, sobrevivendo apenas ela e o seu irmão. Ela se considera uma contadora de histórias e disse em entrevista que herdou a sua habilidade de escritora de sua mãe, no qual, segundo ela

Minha mãe era uma contadora de histórias reconhecida. Ela não sabia nem ler nem escrever e desconhecia o francês. Mas se eu tenho qualquer talento de escritora, é a ela que eu devo essa habilidade. Mais do que o título de escritora, reivindicarei o de contadora de histórias. (MUKASONGA, 2017)

Ela se utiliza da Literatura para dar voz as minorias que perderam suas vidas neste genocídio realizados em sua grande parte pelos conflitos raciais entre os hutus e tutsis; para Mukasonga as escritoras tem papéis fundamentais ao apresentarem em suas obras temas ligados as mulheres, pois para ela “é papel das escritoras contribuir para a mudança da condição das mulheres.” (MUKASONGA, 2017). A partir de suas obras conhecemos um pouco da história de Ruanda, de suas tradições e da dor que carrega pela perda de seus parentes, reavivando, dessa forma, as memórias de sua terra natal. De acordo com a escritora Mukasonga, ela escreve como se fosse um dever da memória, ela tenta resgatar os traços e memórias da sua família e dos que perderam suas vidas no genocídio de 1994, para ela

Eu escrevo por um dever de memória. Se eu comecei a escrever sobre esse tema da violência, do ódio, da discriminação, que é muito grande, porque foi um genocídio, é porque eu vivi essa história dolorosa. Eu nasci extremamente vítima, já que toda a minha família foi assassinada. (MUKASONGA, 2018)

Scholastique Mukasonga destaca-se em seu trabalho ao apresentar aspectos de seu país de origem, Ruanda, trazendo em sua obra personagens femininas emblemáticas, discutindo o papel da mulher e os pesos que a sociedade lhes atribuem; verificar-se as lutas femininas dentro de espaços políticos, de locais públicos e lutas ligadas a questões de etnias, trazendo, dessa forma, em sua obra, os conflitos e estratégias de resistências de suas personagens femininas.

## 2.2- Elementos de resistência presentes nas escritas de Chiziane, Chimamanda e Mukasonga

Nos romances que serão analisados, perceber-se uma forte influência de aspectos culturais e políticos que resultaram a partir do processo de ‘descolonização’ do continente africano, de suas lutas e embates pelas suas independências, no qual, esses resultados acabaram influenciando a vida social de seus habitantes, principalmente em relação as mulheres. Perceber-se nessas obras que as personagens femininas são restritas, na maioria das vezes, em espaços domésticos, no qual, para Maria Nazareth Soares “a representação da mulher recompõe imagens que acabam por relacionar o feminino com funções delegadas pela tradição” (FONSECA, 2004, p.287), nas quais, as suas funções resume-se em cuidar dos filhos, de questões ligadas a casa e a ser uma boa esposa ao seu

marido; salvo as exceções, aparecem mulheres que transgrediram a essas barreiras, mas que infelizmente acabam não sendo bem vistas pela sociedade, como por exemplo, a Eva de ‘Niketche: uma história de poligamia’, no qual, aparece ser dona de uma grande empresa, possuidora de grandes riquezas, mulher independente, que acaba sendo menosprezada por grande parte da sociedade pelo fato de ter se divorciado e não conseguir ter filhos. Outra exceção apresenta-se em ‘Hibisco roxo’, no qual, a tia de Kambili, a tia Ifeoma, é uma professora universitária, que cria sozinha, após a morte de seu esposo, os seus três filhos, passando por grandes dificuldades financeiras; entretanto, constantemente é persuadida pelo seu núcleo familiar a arrumar um marido, como se este fosse a solução para todos os seus problemas.

A partir das dificuldades encontradas pelas personagens femininas desses romances, dificuldades ora estabelecidas e impostas pela tradição, ora realizadas por questões de interesses políticos e econômicos, percebemos na maioria das personagens protagonistas femininas estratégias criadas para resistirem a essas limitações impostas a elas. É interessante observarmos que a medida que essas estratégias são criadas, mas espaços elas conseguem adentrar e começam a tomar consciência de seus verdadeiros lugares; utilizaram-se das estratégias que por muito tempo as limitavam a somente em espaços do lar, criaram e ressignificaram as ideias disseminadas pelos colonizadores e as utilizaram a seu favor, entendendo, dessa forma, as dinâmicas estabelecidas entre colonizados versus colonizadores, questões de gênero e de etnias. A partir desta tomada de consciência do que é ser realmente mulher e de suas lutas, é possível identificar nos romances uma evolução positiva das personagens ao adentrarem em novos espaços.

### 2.2.1- Niketche: uma história de poligamia de Chiziane

Na obra ‘Niketche: uma história de poligamia’ de Paulina Chiziane, é possível percebemos as representações que são feitas das personagens femininas, imagens que na maioria das vezes acabam sendo concebidas e confirmadas pelas tradições e/ou pelas instituições, tais como por exemplo a escola; essas representações acabam delimitando-as aos serviços do lar, preparando-as desde pequena para o cuidado dos filhos, dos trabalhos domésticos e da lealdade e a submissão ao seu pai e posteriormente ao seu esposo, no qual, segundo Sanaa Boutchich

Com esta visão estereotipada, de índole degradante e difamadora da essência feminina, a romancista investiga a experiência da mulher-esposa para mostrar que tudo é regulado por preconceitos, que preservam e fomentam a imagem da

mulher dócil, obediente, submissa e escravizada, que vive a sua imolação como a maior expressão de respeito ao seu marido, e neste respeito o sacrifício é uma virtude exigida à mulher. (BOUTCHICH, 2016, p.23)

A educação das personagens femininas desse romance é revelada quando se faz a pergunta de como foi a sua educação familiar para Rami, a protagonista e narradora do romance, no qual, se pergunta “e o que te ensinava a tua família? Falava-me da obediência, da maternidade” (CHIZIANE, 2004, p.35), dessa forma, Rami deduz ao se lembrar de uma frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (CHIZIANE, 2004, p.35) que ser mulher é uma construção social e cultural que acaba interferindo, moldando e enquadrando a mulher em determinados lugares, no qual, a protagonista se dará conta destas repressões e da marginalização das mulheres a partir do contato com as outras esposas de seu marido, com isso, Rami percebe que “o sistema patriarcal moçambicano educou as mulheres para o silêncio e para os três actos essenciais que garantem a dignidade da mulher: “ouvir”, “obedecer” e “cumprir” silenciosamente a “vontade divina” do pai, do irmão e do marido” (BOUTCHICH, 2016, p.61).

O romance começa apresentando uma cena em que o filho de Rami acaba por quebrar o vidro de um carro de um homem, Rami se sente incapaz de resolver a situação, começa a pensar que voz de mulher não tem valor, se sente sozinha e desprotegida com a ausência de uma figura masculina para resolver os problemas do dia a dia,

Se o meu Tony estivesse por perto, repreenderia o filho como pai e como homem. Se ele estivesse aqui, agora, resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro [...]. Um marido em casa é segurança, e proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. (CHIZIANE, 2004, p.11)

De acordo com a educação recebida pelas mulheres e junto com o que a tradição lhes impõe, a figura masculina é concebida como a solução para os problemas femininos, é colocado que para ser uma mulher respeitável diante da sociedade é necessário ter um bom casamento, ter filhos e agir conforme a tradição, é necessário obedecer as vontades do esposo e sacrificar os seus desejos mais íntimos em uma vida de submissão, no qual, fica evidente quando a protagonista desabafa

Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim, sou a mulher mais infeliz do mundo. (CHIZIANE, 2004, p.14)

Mesmo fazendo o que a tradição lhe apresenta, a protagonista vive em constante solidão e tristezas, pois ela não consegue se encontrar como mulher e se sentir realizada, no primeiro momento acredita que a causa de seu sofrimento são as mulheres que seu esposo arranhou praticando o sistema da poligamia, no qual, ela descreve que a “poligamia é destino de homem e castidade é destino de mulher. Um homem mata para salvar a honra e é aplaudido. Uma mulher faz ciúmes e é condenada” (CHIZIANE, 2004, p.130), entretanto, ao longo do romance ela começa a questionar o sistema do patriarcado e descobre o real motivo de sua infelicidade, ela compreende que, segundo Spivak, que sua infelicidade acontece em prol dos benefícios concedidos pela sociedade a figura masculina, no qual, “essa assimetria legalmente programada do status do sujeito, que efetivamente define a mulher como objeto de um marido, obviamente opera no interesse do sujeito-status legalmente simétrico do homem” (SPIVAK, 2010, p.108).

Na obra, Rami pertence ao sul de Moçambique, o lado que mais sofreu com a colonização portuguesa, as mulheres do sul, apresentam-se mais servis, usam roupas neutras, sem cores e se preparam desde pequenas para o cuidado do lar e dos filhos; a obra apresenta as mulheres do norte como mais ‘livres’ das amarras conjugais, muito cedo elas passam pelos ritos de iniciação, como se fosse uma escola do amor, para conhecer os seus corpos e aprendem a conduzi-los na arte do prazer, elas são mais extrovertidas e usam bastante roupas coloridas. É perceptível na obra a dualidade entre as mulheres do sul e do norte, entretanto, elas apresentam grandes semelhanças ao se deparem na situação em que vivem, ao perceberem as opressões que sofrem por serem mulheres e os sacrifícios que fazem mediante a educação que receberam e a imagem que lhes são impostas, para elas, como diz Rami, “calar as nossas angústias tornou-se a nossa batalha de cada dia”. (CHIZIANE, 2004, p.13).

Ao partir em busca das outras quatro esposas de seu marido, Julieta, Luísa, Saly e Mauá; Rami se identifica com as dores dessas mulheres e dessa forma começa um processo de reflexão do que é ser mulher, segundo Scheilla Cavalcante

Ao conhecer suas rivais, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, Rami entra em contato com séculos de tradições e costumes, com a crueldade da vida feminina e também com a diversidade de mundos e culturas que formam Moçambique. Rami percebe, através de seu contato com as outras esposas de Tony, que os problemas das mulheres em seu país independem de suas origens, pois, de um modo ou de outro, todas derivam de uma tradição patriarcal. Cada uma dessas mulheres possui características físicas e psicológicas que, ao mesmo tempo em que causam a ira e o ciúme de Rami, a encham também de ternura, piedade e admiração. Rami acaba por descobrir, ao longo do romance, a amizade, a

fraternidade e a solidariedade em relação as suas rivais. (CAVALCANTE, 2014, p.69)

Rami começa a refletir a sua imagem no espelho e começa a indagá-lo acerca de sua semelhança e da situação em que se encontra, sozinha e abandonada pelo homem que de acordo com a sua educação a protegeria e resolveria os seus problemas, ela começa a questionar “[...] serão as outras mulheres as culpadas desta situação? Serão os homens inocentes?” (CHIZIANE, 2004, p.33), a partir dessas indagações a sua jornada e a sua existência começa a lhe fazer sentido. Ao encontrar e conhecer as suas rivais, as mulheres, que segundo Rami, haviam roubado o seu sossego e o coração de Tony, ela percebe que o problema de sua infelicidade não estão nelas, mas sim no sistema em que elas estão inseridas, o sistema do patriarcado que permite que o homem exerça de forma livre a poligamia; de acordo com a Cavalcante, “Rami é capaz de enxergar a poligamia como uma prática opressora, que reforça nas mulheres o sentimento de inferioridade e subjugação, além de perpetuar o mito do poder masculino, baseado na cultura patriarcal” (CAVALCANTE, 2014, p.75), ela percebe que tal como ela, as outras mulheres estão mercê deste sistema e verifica nelas as mesmas dores e angústias que passa constantemente ao enfrentar as limitações que lhe são impostas por ser mulher.

Ao conhecer as outras esposas de seu marido, Rami toma para si as dores de cada uma delas, juntas começam a criar estratégias como forma de resistir as opressões impostas pela sociedade e pelo sistema de poligamia, utilizaram-se dos mecanismos que ora as colocavam em situação de submissão, utilizando-os em favor de si próprias, segundo Bibi Bakare-Yusuf, “ao invés de ver o patriarcado como um sistema fixo e monolítico, seria mais útil mostrar como o patriarcado é constantemente contestado e reconstituído” (BAKARE-YUSUF, 2003, p.4); elas conseguiram compreender os mecanismos aos quais elas estavam presas e dessa forma os manipularam ao seu favor como uma forma de resistência. Utilizaram-se da poligamia ao exigir que Tony assumisse a responsabilidade com cada uma delas, saindo de uma poligamia ilegal para legal, reconhecendo Julieta, Luísa, Saly e Mauá como esposas e lhes conferindo direitos legais para elas e seus filhos, fica claro quando Rami diz que “meninas! Convençam-se de uma vez. Este passo dado não volta atrás. Destruímos o manto da invisibilidade. Celebremos. Obrigamos o Tony a reconhecer publicamente o que fazia secretamente.” (CHIZIANE, 2004, p.110).

Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, começam a compreender que juntas são mais fortes, que é necessário uma união entre elas, pois, dessa forma, elas conseguiriam desestabilizar todo um discurso hegemônico, no qual, tendia que elas fossem rivais e não amigas lutando pelas mesmas causas, em suas reflexões, elas pensaram, “mas por que é que um polígamo é feliz quando as mulheres se batem e infeliz quando elas se entendem” (CHIZIANE, 2004, p.116). A união entre as mulheres é motivo de preocupação por parte do esposo, pois elas começam a ter compreensão de sua situação e começam a lutar e a reivindicar por seus espaços, no qual, segundo elas “somos cinco contra um. Cinco fraquezas juntas se tornam força em demasia.” (CHIZIANE, 2004, p.143), elas se conscientizam de que em vez de lutarem umas contra as outras, elas deveriam ser mais amigas e solidárias entre si pois juntas elas seriam mais fortes, para elas “as mulheres deviam ser mais amigas, mais solidárias. Somos a maioria, a força está do nosso lado. Se juntarmos as mãos podemos transformar o mundo.” (CHIZIANE, 2004, p.254). Para lutarem contra o sistema de poligamia e contra sistema de patriarcado, era necessário a união entre elas, para Maria Lugones “não se resiste sozinha à colonialidade de gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo, e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento” (LUGONES, 2014, p.949). Para Lugones, era necessário a compreensão e a tomada de consciência dos sistemas de opressões as quais as mulheres estavam submetidas, pois dessa forma, elas os compreenderiam e os utilizariam em seus benefícios e juntas se libertariam das opressões.

Outra personagem emblemática presente na obra de Chiziane é Eva, ela aparece como sendo uma mulher independente, dona de uma empresa, no qual, ela é descrita como “tem dinheiro essa mulher, manda chuva. Tem estatuto. No emprego dela, é chefe. Manda nos homens. Conduz um carro que é um paraíso” (CHIZIANE, 2004, p.137), ela seria a sexta mulher que Tony teria se envolvido após a relação com as outras mulheres serem legalizadas; entretanto, Eva não assume o posto de esposa, é uma decisão dela não aceitar o sistema de poligamia quando lhe é oferecido por Rami. Eva é descrita como uma mulher mulata, no qual, ela acaba não sendo bem vista pela sociedade pelo fato de ter se divorciado e não ter gerado filhos, as mulheres de Tony acabam argumentando que

Mulher estéril é um ser condenado à solidão, à amargura. Qual a vida da mulher estéril? Marginalidade, ausência [...] numa sociedade onde só é considerada mulher aquela que pode parir. E quem a faz sentir-se assim? A sociedade, os homens, as próprias mulheres, especialmente as sogras que determinam o

número de filhos que devem nascer dentro de um lar. (CHIZIANE, 2004, p.136)

Fica evidente, que mesmo com as lutas de Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá pela suas libertações, ainda permanecem um pouco dos resquícios das ideias disseminadas pela educação que receberam, ainda permanece a ideia de que mulher é aquela que pode conceber, pois a mulher estéril é vista como solitária, sozinha, provocando em algumas delas sentimentos de pena; entretanto, observar-se que elas conseguem compreender e refletir acerca do que define a imagem da mulher, dos mecanismos impostos pelas tradições, pela sociedade, que acabam sendo incorporadas nos discursos e pensamentos tanto de mulheres como dos homens.

Ao decorrer do romance, acontece uma mal-entendido, no qual, Tony será dado como morto, e ao fazer o reconhecimento do corpo, Rami verá que não se trata de seu esposo, mas preferirá ficar calada diante da situação. Ela utiliza esse fato a seu favor, para ela finalmente chegaria o momento de usar a tradição ao seu benefício. Rami acaba se valendo de seu papel de viúva de acordo com a tradição, no qual, após a morte de seu esposo é necessário que ela passasse por um ritual, no qual, ela se deitaria com um membro da família de seu esposo; é perceptível, que ela acaba sofrendo com as condições impostas pela tradição, como ela mesma diz, “regresso ao meu posto de viúva para assumir o meu papel de mulher como deve ser” (CHIZIANE, 2004, p.218), é destituída de seus bens, raspam seus cabelos, levam tudo de sua casa, entretanto, ela encontra conforto e amor após vinte anos de solidão nos braços do irmão de seu esposo. Ao retornar, Tony percebe a confusão que havia se metido e questiona Rami por que ela não havia feito nada para evitar tal situação; ela acaba se valendo das imagens criadas a respeito das mulheres e as utiliza ao seu favor, ele pergunta “Rami, tu sabias que não era eu, tu sabias. -Sabia, sim. Mas quem iria ouvir? Alguma vez me deste autoridade para decidir sobre as coisas mais insignificantes da nossa vida? O que querias tu que eu fizesse?” (CHIZIANE, 2004, p.228).

A libertação dessas personagens se dá a partir de uma tomada de consciência de sua situação de opressão e das estratégias por elas criadas e manuseadas para resistirem as limitações que lhe são impostas; após utilizar a poligamia contra o próprio sistema de dominação masculina, as personagens percebem que a sua autonomia de dará definitivamente a partir de suas independências financeiras. Segundo Rami, a opressão e falta de liberdade das mulheres se daria pelo fato delas dependerem financeiramente de

seu esposo Tony, era necessário que elas conseguissem um emprego, uma renda, pois, dessa forma, se tornariam livres e não mais dependeriam dele, em uma conversa com as outras mulheres de seu esposo, ela diz “isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação” (CHIZIANE, 2004, p.117), dessa forma, Rami, empresta dinheiro para cada uma delas começarem seus negócios, seus trabalhos dão grandes frutos, elas tornam-se independentes e começam a se ter grandes mudanças no sistema de poligamia estabelecido entre elas e o seu esposo.

A partir das independências financeiras das personagens femininas do romance ‘Niketche: uma história de poligamia’ de Chiziane, segundo Sanaa Boutchich, “com a autonomia econômica da qual começam a desfrutar, a autoestima recuperada, a nova situação de esposas legítimas, a possibilidade de tomada de decisões, a aquisição da força de uma voz autônoma, elas podem desestabilizar a ordem patriarcal” (BOUTCHICH, 2016, p.52), dessa forma, Tony perceber mudanças na sua relação com elas; cada uma delas preocupa-se mais com os seu negócios do que com o seus casamentos corrompidos e desgastados; elas começam a modificar o seu espaço e o acabam interferindo em outros espaços, o único que ainda não havia se dado da força feminina era o pobre Tony, no qual, elas acabam ironizando “pobre Tony. Ele acredita que as mulheres são destituídas de razão, vivendo apenas de emoção, incapazes de qualquer revolução” (CHIZIANE, 2004, p.283).

As personagens acabam por fim conseguindo uma estabilidade financeira, se libertar das algemas de uma sociedade excludente e machista, conseguiram criar estratégias para resistirem as opressões, a marginalidade e a exclusão as quais estavam submetidas; utilizaram-se das oportunidades para se beneficiar ao utilizar a tradição a favor de suas causas, fazendo, dessa forma, uma (re)leitura dos valores da tradição a partir de suas experiências e de seus pontos de vistas; se solidarizaram-se com as causas das mulheres, perceberam que a maior resistência seria a união entre elas, pois, dessa forma, elas seriam mais fortes. Por fim cada uma teve a liberdade de escolher a sua própria história, libertaram-se do regime opressor e se conscientizaram de seus verdadeiros lugares e demonstraram que são fortes, que são mulheres e que estão prontas para a vida, comparando-se ao ‘Niketche’, no qual a Mauá diz que é “uma dança do amor, que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas para a vida!” (CHIZIANE, 2004, p.160).

### 2.2.2- Hibisco roxo de Chimamanda

O romance de Chimamanda Adichie ‘Hibisco Roxo’ traz em seu enredo personagens femininas, na qual, cada uma apresenta características específicas de resistências frente a situações de opressão, silenciamento e marginalidade; de um lado, tem-se a família de Kambili, composta por ela, seu irmão Jaja, sua mãe Beatrice e seu pai Eugene, de outro lado, encontra-se a família de sua tia Ifeoma, composta por ela e seus filhos Amaka, Obiora e Chima. A obra apresenta essas famílias em contraste, possuindo diferenças econômicas e culturais, no qual, nos deparamos com personagens emblemáticas em sua atuação frente aos problemas de sua sociedade, frente a seus problemas, mostrando muitas vezes comportamentos inusitados diante de determinadas situações. Para tanto, atentaremos para as imagens de condutas de mulheres disseminadas pelas tradições, analisaremos os seus comportamentos diante dos padrões estabelecidos pela sociedade e por fim, verificaremos as estratégias de resistência criadas pelas personagens femininas do romance de Chimamanda, no qual, nos atentaremos mais especificamente nas personagens Kambili, sua mãe Beatrice, Tia Ifeoma e Amaka.

Kambili e a sua mãe Beatrice são apresentadas inicialmente no romance como mulheres submissas, sem vozes e influenciadas diretamente pelo fanatismo religioso de seu pai e esposo Eugene, no qual, segundo Mirian do Nascimento, a relação estabelecida entre eles eram de constantes abusos,

[...] Seu relacionamento com as mulheres da casa (mãe e filha) é autoritário, abusivo e inquestionável. Essa superioridade garantida pela “tradição” aparece na narrativa como um preceito comum à comunidade, não gerando estranhamento algum nem entre os afetados, nem entre os conhecidos. (BATISTA, 2014, p.43)

Elas foram colocadas em um ambiente de silêncio e de severas restrições a sua liberdade de expressão. Kambili recebeu uma criação baseada nos princípios cristãos, onde acabou, por influências de seu pai, a negar todo de tipo de tradição, parecendo a seus olhos como rituais pagãos; verifica-se na figura de Kambili a busca e a necessidade de sempre querer agradar o seu pai, o silêncio e o medo acabam por fazer parte de sua rotina. Sua mãe Beatrice é vista como uma mulher submissa, que faz as vontades de seu esposo, ela “aparece como uma personagem completamente resignada, submissa e conformada com o status quo de sua posição como esposa” (BATISTA, 2014, p.43), ela sofre constantes violências por parte dele, o que lhe acaba provocando ao longo do romance vários abortos, no qual, é vista como culpada pela gravidez não vingar, “no

jantar, Papa nos mandou rezar dezesseis novenas pelo perdão de Mama [...] eu não me perguntei, nem tentei me perguntar, o que Mama fizera para precisar ser perdoada.” (ADICHIE, 2011, p.115-116), entretanto, mesmo na situação em que vive, ela parece sendo uma mulher resignada e que sempre agradece pela ‘boa vontade’ de seu esposo não arrumar outras mulheres, Mama, descrita no romance, fazia as coisas sem reclamar e costumava não mais ligar para muitas coisas, segundo Kambili “não era certo permitir que uma pessoa mais velha fizesse suas tarefas, mas Mama não se incomodava, havia muita coisa com que ela não se incomodava” (ADICHIE, 2011, p.62).

Diferentemente das duas personagens anteriores, Ifeoma e sua filha Amaka são descritas como conscientes de suas realidades, são reflexivas nas questões de gênero, econômicas e políticas e discordam das questões sociais a qual estão submetidas. Na visão de Kambili sua “tia Ifeoma era tão alta quanto papa, com um corpo bem proporcionado. Andava rápido, como alguém que sabia exatamente aonde ia e o que ia fazer lá” (ADICHIE, 2011, p.230). Na perspectiva de Kambili, a sua tia possuía uma postura confiante, enfrentava seu irmão Eugene sem medo, “toda vez que tia Ifeoma se dirigia a Papa, meu coração parava e depois começava a bater de novo, freneticamente. Era por causa daquele tom atrevido; ela não parecia reconhecer que aquele era papa, que ele era diferente, especial.” (ADICHIE, 2011, p.250). Kambili prende-se na educação que recebera, para ela era natural que a mulher devesse obediência a uma figura masculina, era natural o silêncio em que vivia, que a figura de seu pai deveria ter mais respeito, segundo Thomas Bonnici

A condição feminina em *Purple Hibiscus* mostra (1) a íntima relação entre o patriarcalismo e os mecanismos da colonização europeia [...]; (2) a opressão feminina é realizada abertamente e, portanto, naturalizada e justificada, sem nenhuma necessidade de explicações ou qualquer manifestação de problemas éticos. (BONNICI, 2006, p.23)

Dessa forma, ela acaba estranhando bastante o comportamento de sua tia, que bate sempre de frente com as atitudes de seu pai e estranha o modo como ela interage com a sua mãe, no qual, ela lhe chama de ‘minha esposa’, segundo Kambili, “na primeira vez que ouvi tia Ifeoma chamar Mama de ‘nwnyem’, há anos, fiquei chocada, por ser uma mulher chamando a outra de ‘minha esposa’.” (ADICHIE, 2011, p.235). Ifeoma acaba por transgredir as limitações as quais as mulheres estão expostas, apresenta opiniões divergentes de sua cunhada Beatrice e demonstra através de suas reflexões e ações que os papéis impostos as mulheres funcionam como uma forma de limitá-las a determinados

lugares e que na verdade é possível ir além dessas limitações impostas pela sociedade, ela compreende que “ao conceber modelos femininos para a mulher, a ideologia patriarcal, por excelência sexista, forjou uma série de estereótipos, baseada essencialmente na imaginação masculina do corpo feminino” (BOUTCHICH, 2016, p.37).

Outra personagem de grande personalidade é filha de Ifeoma, Amaka, ela possui a mesma idade de sua prima Kambili, entretanto, seus comportamentos são bem diferentes,

Amaka era uma cópia da mãe, só que adolescente e mais magra. Ela andava e falava com ainda mais rapidez e propósito do que tia Ifeoma. Só seus olhos eram diferentes; não tinham a ternura incondicional dos olhos de tia Ifeoma. Eram olhos interrogativos, que faziam muitas perguntas e não aceitavam muitas respostas. (ADICHIE, 2011, p. 253-254)

Amaka apresenta-se como uma personagem reflexiva nas questões de política, de gêneros e das opressões sofridas em seu país pelos constantes golpes de Estado, para ela, as pessoas deveriam lutar e não fugir para outros lugares, pois quanto maior era a instrução de uma pessoa, maior deveria ser o seu compromisso com as causas do país, pois, para ela, eles não deveriam deixar o país e migrar para outros lugares, deixando, dessa forma, o país mergulhar em golpes, “como assim, ir embora? Por que precisamos fugir do nosso próprio país? Por que não podemos consertá-lo? – Perguntou Amaka.” (ADICHIE, 2011, p.757). Em sua visita na casa de seus tios, ela demonstra conhecimento nos assuntos locais e demonstra facilidade com as palavras ao conversar sobre vários assuntos. Kambili se assusta e surpreende-se com a facilidade de Amaka ao conversar com os adultos com tanta naturalidade, principalmente com o seu pai, ela perguntava, “o senhor já ouviu falar de Aokpe, tio Eugene? – perguntou Amaka. – É uma cidadezinha minúscula em Benue. A virgem está aparecendo lá. Eu ficava atônica de ver Amaka fazendo aquilo, abrindo a boca e deixando as palavras jorrar com tanta facilidade” (ADICHIE, 2011, p. 322).

É possível percebermos no romance de Chimamanda que as personagens femininas estão ligadas as suas experiências, a personagem Kambili e sua mãe Beatrice acostumaram-se ao tratamento que recebiam e acabaram por naturalizar as suas relações com o patriarca da família; entretanto, perceber-se de outro lado, a tomada de consciência das personagens Ifeoma e Amaka, na qual, elas se posicionam de forma resistente aos regimes opressores que tentam limitá-las e enquadrá-las em determinados padrões estabelecidos pela sociedade. Beatrice era a imagem da mulher ‘perfeita’, no qual, é

descrita como submissa, boa mãe e boa esposa, sendo sempre grata ao seu esposo, mesmo com as constantes violências que sofria por parte dele; Ifeoma não era bem vista, pelo fato de ser viúva e ser independente, por preferir o trabalho do que um novo casamento. Ao longo do romance é possível identificarmos a evolução de determinadas personagens, a tomada de consciência de suas verdadeiras situações, a (re)descoberta de novas realidades e as estratégias de resistência utilizadas por elas para combaterem as limitações e os padrões impostas a cada uma delas.

Com o processo de colonização sofrida por seu país, muitas culturas foram dizimadas, a cultura do colonizador foi imposta de maneira violenta sobre as demais culturas, muitos acabaram por assimilar esta cultura e tomando para si como sua, como é o caso de Eugene, entretanto, perceber-se a resistência por parte da família de Ifeoma em não aceitar totalmente os princípios disseminados pelo cristianismo, dessa forma, verifica-se constantemente a recusa e a resistência de Amaka em não aceitar escolher um nome inglês para a sua crisma, pois para ela, essa prática estaria a desvalorizar os povos que viviam naquele país e estariam a desprezar os significados de seus nomes em Igbo, “Amaka disse que não tinha interesse em escolher um nome em inglês.” (ADICHIE, 2011, p.788), em seguida, ela explica o porquê da recusa, “quando os missionários chegaram aqui, eles achavam que os nomes do povo igbo não eram bons o suficiente. Insistiram para que as pessoas escolhessem um nome inglês antes de serem batizadas. Nós não devíamos ter progredido?” (ADICHIE, 2011, p.875).

A cada situação em que são submetidas, cada personagem apresenta estratégias de resistência diferenciadas, percebermos os seus avanços e questionamentos quanto a situação a que estavam sendo submetidas, o medo acaba dando lugar para a coragem e força para que algumas personagens ultrapassem as barreiras impostas a elas ora pela tradição ora pela fé cristã. A trajetória de Kambili foi marcada pelo silêncio, medo e aprovação de seus atos pelo seu pai, entretanto, com a experiência vivida em Nsukka, na casa de sua tia Ifeoma, ela pode se deparar com outra realidade e a sua personalidade foi começando a ser moldada, ela começou a enfrentar os seus problemas e aos poucos foi deixando de ter medo de seu pai, “-Quem trouxe o quadro para dentro desta casa?-Eu – disse eu. -Eu – disse Jaja. Se Jaja me olhasse, eu poderia deixar claro para ele que não deveria se culpar.” (ADICHIE, 2011, p.687). Ela amadureceu e entendeu que era um ser feito de vontades, que não era necessário dizer sempre sim e fazer as vontades de terceiros, não era necessário agir tal como a religião lhe impusera, não era preciso sufocar-

se com os seus sentimentos, era necessário liberta-se daquilo que lhe fazia tanto mal; por fim, ela percebeu a força que suas palavras e as ações continham e percebeu que podia tomar as suas próprias decisões, “mas venha passar algumas horas comigo quando eu estiver acabando de arrumar o escritório da paróquia – pediu o padre Amadi. – Não. Ele estacou e me olhou, espantado. – Por que não? – Porque não. Eu não quero.” (ADICHIE, 2011, p. 903). Ela deixa de se condenar pelo sentimento que nutre pelo padre de Nsukka, o padre Amadi, e decide vive-lo mesmo não sendo correspondido, “[...]eu não me pergunto mais se tenho o direito de amar o padre Amadi; simplesmente o amo.” (ADICHIE, 2011, p.968).

Beatrice inicialmente mostrar-se uma mulher submissa ao seu esposo, calada quanto as constantes violência físicas que sofre por parte dele e sempre agradecida por seu esposo não ter arrumado outras esposas, pois com as suas posses ele deveria ter mais filhos, ficaria mais bem diante da sociedade, “nossa própria umunna não disse a Eugene que ele deveria escolher outra esposa, pois um homem de sua estatura não pode ter só dois filhos?” (ADICHIE, 2011, p.242). Beatrice acaba por deixar se abalar pelas construções das imagens femininas disseminadas especificamente pela sua comunidade, a mulher para o lar e para a procriação; entretanto, é possível verificarmos a sua evolução ao longo do romance, ela decide sair de sua casa após sofrer um aborto, ao voltar para o seu lar, as suas atitudes começaram a ser moldadas, seu medo foi transformando-se em atos de resistência, começou a fazer as claras o que fazia escondido por medo de seu marido, “[...]não levou a comida até o quarto de Jaja escondido num pedaço de pano para que parecesse que estava apenas carregando a roupa limpa dele. Levou a comida numa bandeja branca e num prato de mesma cor.” (ADICHIE, 2011, p.831). Por fim, Mama acabou não suportando mais a situação a qual estava submetida, e acabou tomando medidas drásticas para o fim de sua opressão, ela envenenou o seu esposo “-Comecei a colocar o veneno no chá dele antes de ir para Nsukka. Sisi arrumou-o para mim; o tio dela é um curandeiro poderoso.” (ADICHIE, 2011, p.935).

Tanto Kambili quanto a sua mãe libertam-se da relação opressiva que viviam com Eugene, cada uma resistiu de uma forma diferente, por fim, é verificável que suas realidades acabaram mudando com as suas escolhas, “o silêncio paira sobre nós, mas é um tipo diferente de silêncio, um que me permite respirar.” (ADICHIE, 2011, p.974). Por fim, as suas lutas, as suas (re)descobertas possibilitaram que as personagens Kambili, Beatrice, Ifeoma e Amaka tomassem consciência de suas realidades e (re)criassem

estratégias para combater o silêncio e a marginalidade as quais estavam sendo submetidas, suas vidas foram mudadas, pois, com “o questionamento dos valores morais, sociais e culturais e até religiosos e políticos, torna-se uma estratégia de desmitificação do poder masculino, historicamente exercido em detrimento da realização e afirmação do ser feminino” (BOUTCHICH, 2016, p.62).

### 2.2.3- Nossa senhora do Nilo de Mukasonga

No romance de Mukasonga ‘Nossa Senhora do Nilo’, apresenta a história de um Liceu composto somente por meninas, na qual, ele dá ênfase a uma turma do último ano, no qual, as meninas estão prestes a se formar, das quais a maioria são da etnia hutu, sendo elas: Modesta, Gloriosa, Immaculée e Goretti, Godelive e Frida, e apenas duas da etnia tutsi, sendo elas: Virginia e a Verônica. O colégio destina apenas dez por cento de cotas para alunas da etnia tutsi e tem como objetivo educar as meninas para serem boas esposas e boas mães, para isso é necessário preservar as suas virgindades e as suas purezas e, dessa forma, elas conseguiriam bons casamentos,

É um liceu só de meninas. Os meninos estudam na capital. O liceu foi construído no alto e bem longe para preservar as meninas, para protegê-las do mal e das tentações da cidade grande. É que as jovens do liceu têm a promessa de bons casamentos e, para isso, precisam manter sua virgindade – ou, ao menos, não podem engravidar antes do casamento. (MUKASONGA, 2017, p.5)

Verificar-se que o liceu se preocupa com a imagem estipulada de ‘mulher perfeita’, que a sua educação está voltada para satisfazer os interesses de suas famílias ao lhes proporcionar bons casamentos, garantindo riquezas com esses compromissos, educando as meninas para o lar, para serem boas esposas e mães, no qual, “cria-se, assim, um efeito naturalizado da divisão dos atributos sociais dos sexos cuja concepção perversa terminará por legitimar a superioridade masculina em detrimento de um estatuto feminino digno de atenção e estima” (SANTOS; ROCHA, 2014, p.6). Para tanto, era necessário garantir uma educação baseada nos princípios cristãos, nos afazeres domésticos, tais como aprender a costurar e a cozinhar, e também se acostumar a utilizar a língua do colonizador, que nesse caso, seria o francês. Em um discurso a madre superiora fala sobre o objetivo do liceu, “lembrou que o objetivo do liceu era formar a elite feminina do país, as que tinham a sorte de estar ali na frente dela se tornariam modelos para todas as mulheres de Ruanda: não apenas boas esposas e boas mães, mas também boas cidadãs e boas cristãs.” (MUKASONGA, 2017, p.36). Os ensinamentos no liceu induzem a

construção da imagem da mulher, do qual, é verificável a construção de imagens de mulheres dóceis, dotadas de habilidades para o lar, ensinadas a serem boas mães e boas esposas diante de seus maridos, segundo Jacimara Santana

Os contemplados pelo sistema educacional pertencerem, geralmente, ao grupo da pequena burguesia africana que não estava exposta às mesmas condições que a maioria da população. Por volta de 1912, alguns líderes desta pequena burguesia haviam se pronunciado em relação à inclusão das mulheres nos estabelecimentos de ensino [...] embora o real interesse fosse o de torná-las melhores mães e esposas em correspondência com o modelo europeu de comportamento social. (SANTANA, 2009, p.69-70)

Com essas características, os casamentos trariam benefícios econômicos e políticos para as suas respectivas famílias e o casamento seria tratado como um bom negócio para seus pais que faturavam e se beneficiavam com o casamento de suas filhas, no qual, segundo Sanaa Boutchich, a esposa é considerada como uma propriedade adquirida pelo esposo, pela qual é concebida para satisfazer os seus interesses, segundo ela, “a esposa concebe-se como uma propriedade que se adquire, se compra e se vende, e, portanto, como um objeto que passa a fazer parte dos pertences ou posses que se podem usar, explorar” (BOUTCHICH, 2016, p.21). Quanto mais as meninas aperfeiçoassem as suas habilidades, quanto mais rápido elas conseguissem se formar e garantir logo um diploma, mais o seu valor matrimonial era aumentado e mais vantagens seus pais conseguiriam com os seus casamentos, isso fica evidente em uma conversa entre Gloriosa e Immaculée, no qual, é discutido sobre o avanço e destino das mulheres

-Gloriosa, você acha que está na hora de fazer mais um de seus discursos políticos, como se estivéssemos numa reunião – disse Immaculée. -Falemos, então, sobre o avanço das mulheres! Se estamos aqui, ao menos a maioria, é pelo avanço da família, não pelo nosso futuro, mas pelo futuro do clã. Antes de vir, já éramos boas mercadorias, afinal somos quase todas filhas de gente rica e poderosa, filhas de pais que saberão nos negociar ao preço mais alto, um diploma só vai aumentar nosso valor. (MUKASONGA, 2017, p.138)

Algumas alunas são conscientes de seus destinos e do que lhes é reservado a partir da conclusão de sua formação no liceu e do recebimento de seus diplomas, outras moças, entretanto, vangloriam-se e naturalizam a situação a qual estão submetidas, consideram-se privilegiadas e satisfeitas com os negócios que seus pais fazem com os seus casamentos, ou seja, “o casamento das filhas é uma questão política para eles e as moças têm orgulho de si, elas sabem o valor que têm.” (MUKASONGA, 2017, p.5). As meninas do liceu aprendem que, quanto mais afeiçãoadas aos afazeres domésticos e os conciliando em ser boas esposas e mães, elas conseguirão a partir de seus diplomas um bom casamento; dentro do liceu a imagem da construção da mulher é transmitida como sendo

pecadora, culpada por ser o que é, “agora você se tornou uma mocinha. Você vai ver como é sofrido: foi Deus que quis assim por causa do pecado de Eva, porta do diabo, a mãe de todas nós. As mulheres são feitas para sofrer” (MUKASONGA, 2017, p.95), dessa forma, as meninas ao tornarem-se mulheres eram vistas com outros olhares, jogando em seus ombros o fardo de serem mulheres; para serem consideradas na sociedade era necessário que elas se casassem e tivessem filhos, de preferência do sexo masculino, pois isso garantiria status diante da sociedade

Mas agora deveríamos estar felizes de ver nosso sangue todos os meses. Isso também quer dizer que somos mulheres, mulheres de verdade que vão ter filhos. Você sabe que, para a gente se tornar uma mulher, precisa ter filhos. Quando casam a gente, é o que esperam. Não somos nada para os maridos e para a nova família se não tivermos filhos. Temos de ter filhos, de preferência meninos. E, quando temos filhos, nos tornamos uma mulher de verdade, nos tornamos mãe, aquela que todos respeitam. (MUKASONGA, 2017, p.102)

Verifica-se nessa conversa entre Modesta e Virginia sobre a sua primeira menstruação a visão que se tem do que é ser mulher e das suas atribuições feitas e disseminadas pela sociedade, que para ser mulher é necessário ter filhos, pois, dessa forma, elas serão respeitadas. Observa-se a partir desse episódio sobre a primeira menstruação de Modesta, que ela e Virginia confessam entre si um assunto que é considerado tabu, proibido dentro do liceu, mesmo assim, elas procuram trocar suas experiências sobre esse assunto que até então eram desconhecidas a elas,

Virginia também começou a falar sobre menstruação. Dava um pouco de medo falar sobre um assunto que deve ser calado, mas o fluxo de falas proibidas da amiga era como uma libertação para ela. Sim, neste momento Modesta definitivamente era sua amiga [...]. -Você sabe que não devemos falar sobre esse assunto. As mocinhas não entendem nada do que acontece com elas, acham que são malditas. Não sei se era assim antes dos europeus chegarem, mas os missionários só pioraram as coisas. Nossas mães não explicam nada, como diriam os professores, é um tema tabu. (MUKASONGA, 2017, p.99)

Mesmo com as constantes proibições dentro do liceu, impondo as moças o que elas devem vestir, o que devem comer e como devem se comportar, verifica-se que os comportamentos e os modos de pensar das meninas da turma do último ano, acaba por mudar de maneira significativa após a morte de sua colega de turma Frida. Ela acabou se envolvendo com um homem mais velho e que possuía grandes riquezas, seu noivado foi rapidamente aceito pelo seu pai, que via nessa união a possibilidade de ampliar os seus negócios, Frida envolveu-se com o seu pretendente o embaixador Balimba dentro do liceu e acabou ficando grávida, entretanto, a sua gravidez foi de risco e ela acabou não concebendo o filho e morreu em um acidente de carro. A morte de Frida possibilitou que

as alunas do último ano refletissem e questionassem o que era ser mulher na sociedade de Ruanda e que fim as esperariam com os casamentos arranjados por seus pais como uma moeda de troca de interesses, “precisavam rejeitar essa imagem: Frida, ela era como o espelho negro em que cada uma podia ler o próprio destino.” (MUKASONGA, 2017, p.140).

Em pequenas atitudes diante das opressões que as alunas, principalmente as tutsis, sofrem no liceu, por não pertencerem ao ‘povo majoritário’, revelam-se em seus comportamentos significativas formas de resistência diante da situação em que tentam enquadrá-las, diante da situação em que o liceu é comandado pelos hutus e que as alunas tutsis são caçadas para serem exterminadas; Virginia fica no dilema entre fugir e ficar, por fim percebemos que seu modo de pensar a induziu a ficar, pois ela lutaria até o fim para conseguir o seu diploma, dessa forma, estaria honrado a sua mãe e as meninas que não conseguiram adentrar pelo sistema injusto das cotas,

-Escute -disse Virginia – não vou sair do liceu sem o meu diploma, nunca. Se você soubesse o que ele significa para a minha mãe e os sonhos que ela fez por causa de um pedaço de papel. Além do mais, penso em todas aquelas que eram tão inteligentes quanto a gente, e talvez até mais, e que foram excluídas pela famosa cota. Elas tiveram que se resignar e se tornar camponesas simples e pobres para a vida toda. É um pouco por elas que quero esse diploma, mesmo que, em Ruanda, ele corra o risco de não servir para grande coisa. (MUKASONGA, 2017, p.237)

Diante dessa situação tensa, Virginia se mantém convicta de que a sua luta não é somente por ela e sim por todas aquelas que não puderam chegar aonde ela estava e que não tiveram a oportunidade de receberem a instrução, que lhes foi negada pelo sistema injusto das cotas. Percebemos ao longo do romance as constantes rivalidades entre as meninas que pertenciam a etnia hutu e as que pertenciam a etnia tutsi, na qual, principalmente Gloriosa, queria dá um fim em suas colegas de turma Virginia e Verônica que eram tutsis, verificamos, como Gayatri Spivak bem assinalou, que as opressões de gênero, infelizmente, também acabam sendo realizadas por mulheres, segundo ela, “com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação”(SPIVAK, 2010, p.66). Por fim, mesmo pertencendo a etnia do hutus, Immaculée, mostrar-se solidaria e compreensiva aos problemas femininos de uma forma geral, ela acaba por ajudar a Virginia a sobreviver o massacre ocorrido dentro do liceu, que acabou matando muitas alunas tutsis e desabafa dizendo que sua atitude sempre era

a contrária do que a maioria desejava, a maioria preferia a dor, o sofrimento, a morte das tutsis, ela, entretanto, queria ajudar, mostrar que era diferente das outras

-Immaculée, eu devo a minha vida a você, mas ainda não entendi por que você fez isso tudo por mim. Eu sou uma tutsi e nem era sua amiga de verdade [...] - Eu adoro os desafios. Acho que eu ficava mais atraída pela moto que aterrorizava as ruas de Kigali do que pelo meu namorado; eu fui ver os gorilas porque eu detestava Gloriosa; eu queria salvar vocês, você e Verônica, porque as outras queriam matá-las e, agora, decidi desafiar todos os homens, estou indo ficar com os gorilas. (MUKASONGA, 2017, p.259)

**CAPÍTULO III**  
**(RE)CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES FEMININAS**

### 3.1- Um novo espaço em construção, uma (nova) identidade em ação: (Re)construção das identidades femininas nas obras de Chiziane, Chimamanda e Mukasonga

Será analisado neste capítulo os resultados dos choques culturais e sociais ocasionados no contato da tradição com a modernidade<sup>4</sup>, verificando, dessa forma, as implicações nas identidades dos sujeitos pós-coloniais, especificamente, nas identidades das personagens femininas nos romances de ‘Niketche: uma história de poligamia’ de Chiziane; ‘Hibisco roxo’ de Chimamanda e ‘Nossa senhora do Nilo’ de Mukasonga. Para tanto, será analisado a busca de (novas) identidades, com a qual as personagens femininas possam se identificar. Entretanto, fica evidente que há um discurso pela negociação, no qual, acreditamos que elementos da tradição e da modernidade são ressignificados e com isso várias identidades são construídas e reconstruídas, com isso, esse processo, segundo Laura Padilha, teria se acentuado após o processo de ‘descolonização’ do continente africano, que para ela “pude perquirir como as identidades culturais se foram construindo/reconstruindo no processo de descolonização, principalmente no período das lutas de libertação nacional” (PADILHA, 2004, p.256), entretanto, devemos nos atentar que as identidades a todo momento são construídas e reconstruídas, jamais inacabadas, a todo momento são ressignificadas e (re)formuladas, pois de acordo com Algemira Mendes e Áurea Regina Santos

A busca pela identidade nunca deve ser concluída, porque ela vai revelar-se cada vez mais inovadora, especialmente na busca da identidade dos que sofreram a experiência da colonização e da assimilação de uma cultura estranha. É nesse momento que acontece o questionamento dos que foram colonizados e que estão tentando reconstruir suas identidades ‘reformuladas’ após o período de colonização. (SANTOS; MENDES; 2016, p.98)

Ao analisarmos os romances ‘Niketche: uma história de poligamia’ de Chiziane, ‘Hibisco roxo’ de Chimamanda e ‘Nossa senhora do Nilo’ de Mukasonga, é possível verificarmos nas personagens femininas a (re)construção de suas identidades, entretanto, é necessário analisarmos os debates acerca de como se daria essa (re)construção identitária, quais seriam os seus pros e contras; e verificaremos o choque entre dois conceitos essenciais para a compreensão desse processo, que seria a tradição e a modernidade. Para alguns estudiosos do tema, a identidade do sujeito pós-colonial resultaria do choque entre a tradição versus a modernidade, no qual, culturas híbridas seriam formadas e elementos da tradição e da modernidade seriam ressignificados,

---

<sup>4</sup> Utilizaremos para definir a modernidade o conceito utilizado por Raquel Cunha, no qual “para fins de esclarecimentos, o termo modernidade aqui faz referência à mudança de comportamento e pensamento e nova ordem de organização social e cultural”.

surgindo, dessa forma, novas identidades. Thomas Bonnici vê vantagem nas culturas híbridas dos povos pós-coloniais, para ele “a cultura híbrida e sincrética dos povos pós-coloniais é fator positivo e uma vantagem da qual recebe a sua identidade e força.” (BONNICI, 1998, p.17); entretanto, outros autores não concordam com o conceito de hibridismo cultural empregado somente após o processo de independência dos países africanos, para eles, ao aceitarem esse termo, estariam desvalorizando toda uma dinâmica interna de trocas culturais que ocorriam dentro do continente africano antes da colonização; para Inocência Mata

Na verdade, a exclusiva generalização de que a dominação colonial nasceu uma cultura híbrida – ou mestiça euro-africana, como se queira! – pode levar à desconsideração de estratégias outras de sobrevivência cultural empreendidas pelos colonizados, como seja a reciclagem de linguagens culturais dentro da tradição. (MATA, p.7)

Entretanto, não desconsideramos as trocas culturais realizadas no continente africano antes do processo de colonização, mas acreditamos que as identidades derivadas a partir do processo de colonização e acentuadas com a independência dos países africanos foram impostas de maneira violenta, não levando em consideração as dinâmicas e as culturas locais dos povos africanos. Como resultado dessas imposições violentas ocorreu o que Stuart Hall denominou de ‘crise de identidade’, que para ele seria que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2005, p.7). Também devemos levar em consideração que estratégias foram criadas ao resistirem aos domínios do colonizador, muitos dos que sofreram o processo de colonização se apropriaram dos mecanismos utilizados nas suas repressões para usá-los ao seu favor, como a língua, por exemplo; ao apropriar-se deles, eles incorporaram na língua do colonizador seus dialetos, suas histórias, suas experiências e os modificaram de acordo com as suas exigências, mostrando a sua história a partir de seus olhares.

A partir desses debates, buscaremos demonstrar através das personagens femininas dos romances de Chiziane, Chimamanda e Mukasonga, que suas identidades foram sendo (re)construídas, que identidades emergiram dentro do confronto entre os elementos das tradições e da modernidade, no qual, é perceptível que cada personagem se apropriou de maneira diferente desses elementos e com isso, (re)criaram a suas próprias identidades. Como diz Rachel Soihet e Joana Maria, é perceptível que dentro dos grupos femininos há

diferenças em relação as suas identidades, dessa forma, seria um erro pensar em uma identidade única para as mulheres, pois não se estaria levando em consideração as diferenças existentes entre elas e as suas experiências, para essas autoras

Essas tensões teriam se combinado para questionar a viabilidade da categoria ‘mulheres’ e para introduzir a ‘diferença’ como um problema a ser analisado [...]. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a outra, em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. Mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, muitas delas feministas, reivindicaram uma ‘diferença’ – dentro da diferença. Ou seja, a categoria ‘mulher’, que constituía uma identidade diferenciada da de ‘homem’, não era suficiente para explicá-las. Elas não consideravam que as reivindicações as incluíam. (SOIHET; PEDRO, 2007, p.287)

Assim as personagens femininas ao se encontrar no dilema da tradição versus a modernidade, se apropriam de seus elementos de acordo com as suas experiências e necessidades e criam (novas) identidades com as quais elas possam se identificar, pelo menos temporariamente, pois para Hall as identidades são instáveis, provisórias, elas não são fixas, para ele, a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2005, p.13). Dessa forma, analisaremos essas crises de identidades demonstradas pelas personagens femininas dos romances ‘Niketche: uma história de poligamia’, ‘Hibisco roxo’ e ‘Nossa senhora do Nilo’ e daremos ênfase na busca pelas suas (re)construções identitárias.

### 3.1.1- Niketche: uma história de poligamia de Chiziane

No romance ‘Niketche: uma história de poligamia’ de Paulina Chiziane, verificamos nos atos das personagens femininas, Rami, Julieta, Luísa, Saly, Mauá, Eva e a própria mãe de Tony, tida como uma grande conservadora dos costumes cristãos, mudanças em seus comportamentos; essas personagens modificam o seu modo de pensar a partir do momento em que tomam consciência de suas verdadeiras situações, percebem que a tradição acaba por colocá-las em uma situação de inferioridade ao sexo oposto, na qual, as instruem para serem boas esposas, boas mães e submissas a seus esposos; elas compreendem que “dentro deste mundo agarrado a uma tradição secular e imemorial, a mulher está presa numa construção sociocultural que fortalece a sua invisibilidade e constrói a sua identidade com base numa ideologia patriarcal” (BOUTCHICH, 2016, p.29). Com a tomada de consciência de suas situações, elas começam a modificar os seus espaços e entram em choque com que a tradição lhes confere junto com as novas

mudanças ocasionadas a partir das independências de seus países; é possível identificar nos comportamentos destas personagens ao longo da obra uma mudança significativa de seu entendimento do que é ser mulher e com isso, a partir deste entendimento, elas procuram ressignificar elementos da tradição e utilizá-los aos seus benefícios, segundo Scheilla Graziella Cavalcante

Rami, Julieta, Luísa, Saly, Mauá e Eva, de Niketche, abordam questões próprias de uma sociedade pós-colonial, contemporânea, em que as fissuras do embate entre tradição e modernidade tornam evidentes a necessidade de um processo de reconstrução identitária dos seres que constituem uma sociedade ainda em busca de afirmação. (CAVALCANTE, 2014, p.40)

É possível percebermos no romance que as identidades das personagens femininas estavam relacionadas de acordo com o tipo de processo de colonização que sofreram, o romance contrasta dois tipos de grupos de mulheres, as mulheres do sul e as mulheres do norte; de acordo com o romance, as mulheres do sul foram as que mais sofreram com o processo de colonização portuguesa, logo tiveram suas crenças e tradições violadas, em uma conversa com Rami, Saly comenta sobre a colonização das mulheres do sul, dizendo ela “não tens culpa – comenta a Saly – vocês do sul deixaram-se colonizar por essa gente da Europa e os seus padres que combatiam as nossas práticas” (CHIZIANE, 2004, p.180). Ao lado sul do país era possível verificar uma grande predominância das marcas da colonização, predominando, dessa forma, o cristianismo como religião, já ao lado norte do país, a poligamia era praticada livremente, pois tiveram poucas influências do processo da colonização. Inicialmente as tradições, os aspectos culturais acabam por interferir nas identidades das personagens dos romances, as mulheres do norte são mandadas desde dos dez anos de idade para a escola do amor, no qual, elas passam pelos ritos de iniciação, aprendendo as artes do amor e do prazer; no sul a educação das mulheres é direcionada pela igreja católica para os trabalhos domésticos, aprendem a cozinhar, a costurar e abordar, ou seja, “enquanto noutras partes de África se faz a famosa excisão feminina, aqui os genitais se alongam. Nesses lugares o prazer é reprimido, aqui é estimulado.” (CHIZIANE, 2004, p.44).

Rami inicialmente condena o sistema de poligamia e critica as mulheres do norte, ela vive solitária as constantes ausências de seu esposo, sente-se frágil e desprotegida pela ausência de uma figura masculina em sua casa, inicialmente ela sente-se incapaz de resolver os problemas da casa e de seus filhos, ela se vê desesperada quando a poligamia entra em seu lar, por isso toma a iniciativa de ir atrás de suas concorrentes para conhece-

las melhor e com isso resolver o problema de sua infelicidade; entretanto, em sua jornada, ela começa a se deparar com uma realidade diferente da dela, fica fascinada com a cultura das mulheres do norte e acaba por incorporar elementos da tradição das mulheres nortenhas em sua identidade, de acordo com Scheilla Cavalcante

Rami é construída pela autora como uma porta-voz; ela não se confronta somente com as suas dificuldades íntimas, particulares. Ela é parte de uma sociedade e em seu processo de (re)construção identitária, dá voz as mulheres de seu grupo, denunciando o caráter opressivo das mulheres que vivem em um enter-lugar, que vivem em uma sociedade pós-colonial que se quer moderna, mais ainda repleta de valores ancestrais, de tradições que, muitas vezes, cristalizam os indivíduos. (CAVALCANTE, 2014, p.72)

Rami participa dos ritos de iniciação, no qual, segundo ela a igreja havia a negado de passar por essas experiências, lhe retirado esse direito, para ela “estas aulas são os meus ritos de iniciação. A igreja e os sistemas gritaram heresias contra estas práticas, para destruir um saber que nem eles tinham.” (CHIZIANE, 2004, p.44). Rami começa a incorporar em sua identidade elementos da tradição das mulheres do norte, seu modo de pensar vai sendo modificado a medida em que ela conhece e aprende com as experiências das outras esposas de seu marido, logo ela vai ser tornando mais forte e mais confiante nas suas decisões e começa a enxergar as coisas através de outros ângulos, sua identidade vai sendo moldada, e sua vida entra em dilemas, no qual, “trata-se, em suma, de uma crise de identidade expressada pela flutuação entre a imagem imposta e o perfil desejado, entre a submissão e a rebeldia, entre a perpetuação da ordem patriarcal e a subversão emancipadora” (BOUTCHICH, 2016, p.46).

Ao se questionar se havia cometido adultério ao se deitar com o amante de sua amiga Luísa, Rami deduz que seu ato não era condenável, pois tal como a poligamia, o adultério seria uma assistência conjugal, que supriria as suas necessidades na ausência de amor por parte de seu esposo, ou seja, segundo ela “o meu lar cristão que se tornou polígamo. Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera – adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal, informal, tal como a poligamia desta casa é informal” (CHIZIANE, 2004, p.95). Verificar-se que a identidade de Rami começou a ser moldada a partir do contato com as outras tradições, com as outras ideias e experiências, especialmente com as outras mulheres que seu marido havia se envolvido, entretanto, perceber-se que o choque entre a tradição e a modernidade provocou significativas consequências na vida das personagens, ocasionando, dessa forma, mudanças em seus comportamentos e em seus modos de pensar.

Outra personagem bastante emblemática no romance se apresenta na figura da sogra de Rami, inicialmente ela é uma grande conservadora dos costumes trazidos pela religião católica, ao presenciar na festa de aniversário de seu filho Tony a chegada de suas outras mulheres e constata a prática do sistema de poligamia entre eles, ela fica enfurecida e acaba por condenar Rami ao ir contra os ‘bons’ costumes; entretanto, é verificável a mudança de pensamento e de comportamento dela em relação a poligamia e as outras mulheres, ela percebe que o seu filho é o grande responsável por tal situação, ela começa a lutar a favor de suas noras e luta para que a poligamia se torne formal, como um retorno às raízes, Rami declara “a minha sogra fez de si uma flecha. Insurgiu-se contra os bons costumes da família cristã e tornou-se agente de regresso as raízes” (CHIZIANE, 2004, p.124); a sua identidade e as identidades de suas noras acabam sendo moldadas, no qual, segundo Stuart Hall, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2005, p.12).

A partir do contato com as outras mulheres de Tony, Rami começa a fazer diferença na vida de cada uma delas, séculos de tradições se encontram, se modificam e se ressignificam; antes faziam as vontades e caprichos de seu marido, com a independência financeira são modificados os seus comportamentos, com isso, Helga Maria Francisco, notou que com a ajuda de Rami, as demais personagens femininas conseguiram compreender as opressões que sofriam e com a união entre elas, conseguiram suas liberdades, de acordo com ela

A partir daí começa o protagonismo das mulheres em busca de uma nova identidade, quando ela decide mudar o seu mundo e começa a questionar a condição feminina e o papel da mulher na sociedade, revelando assim um forte desejo de liberdade na escolha do seu próprio destino. (FRANCISCO, 2011, p.305)

As identidades de Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá sofrem influências e se incorporam das novas demandas trazidas pela modernidade, abrangendo novas perspectivas e múltiplas identidades. Luísa vê na figura de Rami uma fonte inesgotável de amor, pois foi através dela que elas puderam se unir e com isso conseguiram mudar as suas realidades, Rami faz uma reflexão “penso nas palavras da Lu. Mudar o mundo. O mundo está em permanente mudança. Muda em silêncio. Só o Tony é que não deu pela mudança” (CHIZIANE, 2004, p.264). Logo, as mulheres começam a transitar em uma nova realidade criadas por elas, mudanças em seus comportamentos ocorrem e começam

a conquistar espaços que outrora era dominado quase que exclusivamente pelos homens. Com as suas identidades sendo (re)construídas, elas acabam se incorporando nas novas dinâmicas estabelecidas a partir da independência de seus países, isso fica evidente em um diálogo entre Rami e Tony sobre as mudanças de comportamento de suas esposas, no qual

[...] Vai ter com a Mauá, vai. É a tua paixão. - Essa anda muito misteriosa. Falei-lhe de ter mais um filho e ela torceu o nariz. Tem a cabeça nos produtos de beleza, nos clientes que vão e vêm. Inventou trabalhos de fim-de-semana, faz penteados e maquiagens ao domicílio em ocasiões especiais, casamentos, baptizados e todas essas coisas de mulheres. - Tens a Ju, ela adora a tua companhia. - Ah, Rami, essa saiu-me a pior de todas. Ela está agarrada ao trabalho de uma forma que nunca antes imaginara. É competente, meu Deus, mas quem diria! Tem um exército de empregados, são quinze. Passa a vida a gritar ordens e até para mim já grita. Nem me serve mais café batido como fazia antes. (CHIZIANE, 2004, p.304)

A partir das independências financeiras das personagens femininas do romance ‘Nikette: uma história de poligamia’ e da interação de culturas entre elas, perceber-se identidades sendo destruídas e (re)construídas ao mesmo tempo, no qual, os elementos da tradição são utilizados por essas personagens a partir de uma perspectiva feminina, são vistos e (re)analisados sobre outros ângulos, dos quais, elementos da tradição são ressignificados a medida em que surgem novos interesses, novas demandas; elas começam a compreender o que significa ser realmente mulher, entendem que as suas conquistas dependem da união entre elas, pois, dessa forma, de acordo com Bibi Bakare-Yusuf “precisamos de uma estrutura que nos possibilite examinar o que significa ser o que somos, e que ao mesmo tempo nos encoraja a perceber o que queremos nos tornar” (BAKARE-YUSUF, 2003, p.1).

Ao final percebemos que o choque cultural, proporcionado pela tensão entre os elementos da tradição e da modernidade, possibilitaram a (re)construção de múltiplas identidades femininas, no qual, elas começaram a conciliar tanto um quanto outro na medida de seus interesses, ou seja, de acordo com Edward Said

Em vez disso, começamos a sentir que a velha autoridade não pode ser simplesmente substituída por uma nova autoridade, mas que estão surgindo novos alinhamentos independentemente de fronteiras, tipos, nações e essências, e que são esses novos alinhamentos que agora provocam e contestam a noção fundamentalmente estática de identidade que constitui o núcleo do pensamento cultural na era do imperialismo. (SAID, 2011, p.18)

A partir de sua independência financeira, seria impossível continuar o sistema de poligamia tal como era colocado pela tradição, os seus tempos para cuidar da casa, dos

filhos e do esposo eram curtos, logo a tradição não estavam sendo-lhes tão favoráveis as suas novas demandas, dessa forma, fica evidente na conversa entre Julieta, Rami, Saly e Mauá sobre a cultura, de que ela não é eterna, ela se modifica, com o passar do tempo as exigências tornam-se outras, no qual, para elas “a cultura não é eterna, mas esforçamo-nos por continuar a linha da tradição [...]. Nós somos mulheres de coragem, de respeito. Custa muito a aceitar a poligamia, numa era em que as mulheres se afirmam e conquistam o mundo” (CHIZIANE, 2004, p.311). Dessa forma, verificar-se que mesmo com essas novas dinâmicas nas quais as personagens estão se apossando, ainda prevalece grandes embates entre a tradição e a modernidade, na qual, com o choque entre esses dois conceitos, surgem múltiplas identidades femininas, cada uma contendo tanto elementos da tradição quanto da modernidade.

### 3.1.2- Hibisco roxo de Chimamanda

‘Hibisco Roxo’ apresenta em seu enredo a trajetória da personagem Kambili, no qual, a sua personalidade foi moldada pelo pai, que foi bastante influenciado no seu modo de pensar pelo processo de colonização britânica. O romance contrasta duas famílias bem diferentes, tanto em questões culturais quanto em questões sociais, econômicas e políticas; a família de sua tia Ifeoma passa por grandes dificuldades financeiras, mas percebermos diferenças alarmantes quanto a questão da comunicação entre eles e a liberdade de expressão dos membros de sua família, diferentemente do que ocorre com a família de seu Irmão Eugene, que mesmo possuindo grandes riquezas, a liberdade de expressão é censurada e acabam por ver as coisas somente a partir da perspectiva do colonizador. A partir disso, pegaremos como análise as personagens femininas desses romances, atentando especificamente para Kambili, sua mãe Beatrice, sua Tia Ifeoma e a sua prima Amaka, verificaremos que inicialmente as suas identidades acabam sendo moldadas pelo tipo de convivência que estabelecem em seu meio, são influenciadas pela tradição, que ora é cristã, ora é tradicionalista, com isso, é possível percebermos que as identidades acabam sendo influenciadas bastantes pelo processo de colonização e pelas suas consequências pós-independência, no qual, constatamos que “estas personagens “mulheres” são muito fortes, com um discurso que, apesar de não revelar um rompimento total das suas tradições, torna-se representativo de um futuro muito promissor no que diz respeito à identidade da mulher” (FRANCISCO, 2011, p.303).

Kambili e Beatrice acabam tendo suas identidades influenciadas pela religião cristã, Beatrice apresenta-se como submissa ao seu esposo, colocando-se no papel que a sociedade lhe confere, de uma boa esposa e de uma boa mãe, destinada e limitada ao espaço doméstico, no qual,

Ser esposa tende a funcionar como um papel, que como uma identidade feminina profundamente sentida, geralmente implantada, estrategicamente. Em toda África, a categoria geralmente traduzida como esposa não é gênero específico, mas simboliza relações de subordinação entre quaisquer duas pessoas. (OYÈWÚMI, 2000, p.4)

Kambili, que foi educada e influenciada desde pequena pelo fanatismo religioso de seu pai, têm a sua personalidade moldada pelas influências da religião cristã, no qual, seria necessário obedecer ao propósito de Deus, mesmo quando as condições não lhe eram favoráveis, segundo ela, “eu queria deixar papa orgulhoso e tirar notas tão boas quanto as dele. Precisava que ele tocasse a minha nuca e afirmasse que eu estava realizando o propósito de Deus.” (ADICHIE, 2011, p.122). O processo de colonização trouxe grandes consequências para a população da Nigéria, identidades foram construídas e reconstruídas, padrões foram estabelecidos e impostos aos seus habitantes e o romance demonstra essas influências de forma bastante clara na família de Kambili. A religião moldava os seus comportamentos, seus modos de pensar, “precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês.” (ADICHIE, 2011, p.50), Kambili julgava as coisas como certas ou erradas de acordo com o que a religião pregava, tudo o que fugia de seu controle ou hábito aos olhos dela era pecado, “eu me perguntei por que não contei a ela que todas as minhas saias iam até bem abaixo dos joelhos e que eu não possuía nenhuma calça porque era pecado mulher usar calça.” (ADICHIE, 2011, p.260), ao longo da obra ela apresenta essa linha de pensamento e continua a dizer

Escolhi um vestido azul e branco e amarrei um lenço azul em volta da cabeça. Dei dois nós na nuca e enfiei as pontas das minhas trancinhas embaixo dele. Uma vez, Papa me abraçou orgulhoso e beijou minha testa, porque o padre Benedict lhe dissera que meu cabelo estava sempre coberto do jeito certo para a missa, que eu não era como as outras meninas da igreja que deixavam o cabelo à mostra, como se não soubessem que expor o cabelo na igreja era pecado. (ADICHIE, 2011, p.326-327)

Ifeoma e Beatrice apresentam personalidades diferentes, cada uma se posiciona em determinados assuntos partindo de suas experiências e das influências externas aos quais estão submetidas, em conversa sobre casamento, é possível percebermos as visões acerca do tema e é possível verificarmos como as suas identidades foram e continuam a ser (re)construídas, pois de um lado, Beatrice vê o casamento como algo positivo e viável

na vida das mulheres, e de outro encontramos a opinião de Ifeoma, no qual, para ela, o casamento é como um acordo, em que somente a parte masculina sai beneficiada, a solução para ela seria a sua independência realizada pela sua profissão, assim

- Nwunye m, às vezes a vida começa quando o casamento acaba. - Você e essa conversa de universidade. É isso que diz para suas alunas? - perguntou Mama, sorrindo. - Juro que é. Mas elas vêm casando cada vez mais cedo. De que serve um diploma, dizem elas, se não é possível arrumar um emprego depois de se formar? - Pelo menos alguém vai tomar conta delas quando se casarem. - Não sei quem vai tomar conta de quem [...]. Não entende? Mama balançou a cabeça. - Conversa de universidade de novo. Um marido coroa a vida de uma mulher, Ifeoma. E o que elas querem. - É o que elas pensam que querem. (ADICHIE, 2011, p.243-245)

Diferente de Beatrice, Ifeoma se apresenta como uma mulher decidida, ficou viúva e teve que criar os seus três filhos sozinha, mesmo com as dificuldades financeiras, ela é única que dá assistência ao seu pai. Mesmo com as influências deixadas pelo processo de colonização, perceber-se em sua identidade elementos tanto do cristianismo quanto de suas tradições locais; verificar-se que Ifeoma e Amaka acabam ressignificando elementos da tradição e algumas concepções adquiridas pós-independência de seus países, logo, elas conseguem conciliar alguns elementos do pós-colonialismo com as suas tradições; isso fica evidente em uma passagem em que Amaka se apropria dos elementos do cristianismo e incorpora-os a partir de sua visão, “-Foi você que pintou isso? A aquarela de uma mulher com uma criança parecia uma cópia da pintura a óleo da virgem com o menino Jesus que ficava pendurada no quarto de Papa. Só que a mulher e a criança do quadro de Amaka tinham a pele escura.” (ADICHIE, 2011, p.386).

As personalidades, as identidades acabam sendo (re)construídas, opiniões diferentes são formadas sobre um mesmo assunto, inevitavelmente ocorre um choque de visões opostas, as prioridades passam a ser outras; de um lado a tradição luta para preservar seus elementos, de outro, a modernidade é avassaladora, trazendo consigo inúmeras possibilidades e novas demandas, no qual, segundo Hall, “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2005, p.74). PapaNnukwu, pai de Ifeoma, ao agradecer-lhe pelos cuidados pede para seus deuses que ela consiga um novo marido, para tomar conta dela e de seus filhos, entretanto, ela ironiza e debate que não é marido que ele deve pedir e sim uma promoção em seu trabalho de professora, pois é somente isso que ela almeja; as suas necessidades não serão saciadas pela presença de

uma figura masculina, mas sim de uma promoção em seu emprego, ela vê a solução de seus problemas em sua carreira profissional,

- Não foram os missionários. Eu também estudei na escola deles, não estudei?  
 - Mas você é mulher. Você não conta. - Então eu não conto? Eugene já perguntou sobre a dor na sua perna? Já que eu não conto, vou parar de perguntar se você acordou bem de manhã. PapaNnukwu deu uma risadinha. - Então meu espírito vai assombrar você quando eu me unir aos ancestrais. - Acho bom assombrar Eugene primeiro. - Estou brincando com você, nwa m. Onde eu estaria hoje se meu chi não houvesse me dado uma filha? - disse PapaNnukwu, fazendo silêncio por um instante. - Meu espírito vai interceder em seu favor, para que Chukwu mande um bom homem para tomar conta de você e das crianças. - Seu espírito que peça a Chukwu para acelerar minha promoção a professora sênior, é só isso que eu quero - disse tia Ifeoma. (ADICHIE, 2011, p.270-272)

A cada momento a tradição e a modernidade chocam-se uma com a outra, ora excluindo elementos ora ressignificando-se; as identidades das personagens femininas do romance de Chimamanda ‘Hibisco Roxo’, estão inicialmente ligadas com a educação que receberam e de como se utilizaram dos mecanismos de dominação deixados pelo processo de colonização. Inevitavelmente a partir do contato com outra realidade, com outras perspectivas de mundo, Kambili e Beatrice tem as suas identidades (re)construídas, as suas experiências acabam por moldar novas identidades, novos pensamentos, que até então eram totalmente desconhecidas a elas; suas mudanças aconteceram a partir do contato, especificamente o de Kambili, com a família de sua tia e as férias que havia passado em Nsukka, desde então, as suas vidas seriam totalmente modificadas e já não seriam as mesmas, “talvez todos tenhamos mudado depois de Nsukka – até Papa – e as coisas estivessem destinadas a não ser mais as mesmas, a não estar mais em sua ordem original.” (ADICHIE, 2011, p.685). Perceber-se mudanças significativas nas ações e pensamentos de Kambili após a visita a casa de sua tia em Nsukka e verifica-se o quanto a vivência em sua casa foi sendo alterada e os efeitos dessa viagem também ocasionaram significativos impactos na vida de sua mãe Beatrice, dessa forma, segundo Danilo Santos e Caio César Rocha

Considera-se assim que o renascimento das mulheres se dá nos entremeios de uma tomada de consciência enquanto indivíduo/sujeito capaz de pensar, decidir e agir [...]. É a afirmação de uma identidade que se (re)inventa, (re)avaliando pré-conceitos cuja disseminação no senso comum está tão arraigada na vivência e no cotidiano das pessoas, que não se questiona mais sua veracidade. (BAUMAN, 1998, p.18 apud SANTOS; ROCHA, 2014, p.7)

Por fim, as identidades das personagens Kambili, Beatrice, Ifeoma e Amaka foram sendo (re)construídas ao longo da obra; Ifeoma e Amaka souberam conciliar desde o início os elementos tanto da tradição quanto da modernidade; suas identidades foram de

desencontro com as identidades inicialmente incorporadas por Kambili e sua Mama, que eram moldadas quase que exclusivamente pelos mecanismos deixados e que outrora foram impostos pelos colonizadores; entretanto, pudemos verificar o rompimento, em parte, com a herança deixada pelos colonizadores e com as experiências vivenciadas a partir da viagem a Nsukka, elas puderam ter acesso a novas formas de ver o mundo e com isso as suas identidade se entrelaçaram com outras identidades, concebendo, dessa forma, identidades com as quais elas pudessem se identificar, pois, de acordo com Mirian Batista, percebemos que há um discurso pela negociação nas identidades dessas personagens, principalmente na identidade da personagem Kambili, pois de acordo com ela

[...] A identidade expressa no romance é uma identidade definitivamente híbrida. A ambivalência é muito aparente no final do livro, após a narradora ter “sofrido” o processo de colonização através de seu relacionamento com o pai. Após a protagonista ter se “libertado”, ela não anula completamente a cultura europeia de seu ser negando completamente sua influência sobre sua identidade. No entanto, há uma articulação pela negociação. (BATISTA, 2014, p.51)

### 3.1.3- Nossa Senhora do Nilo de Mukasonga

Na obra ‘Nossa Senhora do Nilo’, verificamos a presença de significativos elementos que acabam por influenciar no processo de (re)construção das identidades das personagens femininas desse romance; perceber-se que os aspectos deixados após o processo de colonização, tais como a língua, que nesse caso, deveria ser falado a língua do colonizador, “dentro dos limites do liceu, a única língua que deveria ser falada era o francês” (MUKASONGA, 2017, p.37), a religião e a imposição e adoção de nomes europeus no seu processo de identificação de cada personagem, são consequências resultantes de seu choque com as culturas locais; dessa forma, verifica-se no romance os embates estabelecidos pela tradição e modernidade, pelas heranças deixadas após o processo de independência de seu país e como isso acabou por interferir nas identidades das personagens do romance de Mukasonga, no qual, as atividades das personagens femininas introduzidas no liceu são quase que exclusivamente para aprimoração de suas habilidades para cuidar do lar, dos filhos e do esposo, dessa forma, “como podemos notar, a sociedade construiu um modo de ser para a mulher, isto é, criou para ela uma identidade” (FRANCISCO, 2011, p.302). Na obra, é possível analisarmos os processos de (re)construções das identidades das personagens a partir do envolvimento que elas estabelecem com o seu meio, a maioria delas acabam por incorporar os discursos dos colonizadores e acabam tomando para si elementos pertencentes a cultura do colonizador,

buscando ressignificar e modificá-los a partir de suas novas demandas, estabelecendo uma relação com a tradição e com a modernidade.

No romance de Mukasonga, verificamos que as identidades das personagens femininas são constantemente influenciadas pela cultura dos europeus, a imagem que dá o nome a obra ‘Nossa Senhora do Nilo’, é fruto do cristianismo, entretanto, ela apresenta traços dos africanos, incorporando-a e impondo na habituação dos ruandeses, segundo a obra “é certo que ela não é como as outras Marias, afinal é negra. Foram os brancos que a maquiaram de negra para agradar aos ruandeses, claro, mas o filho dela, na capela, permaneceu branco.” (MUKASONGA, 2017, p.209). Os nomes das alunas do liceu eram nomes de origem europeu, seus nomes de batismos deveriam ser trocados, pois eles não eram nomes de pessoas ‘civilizadas’, essa passagem fica evidente quando Virginia fala sobre seu nome de verdade e diz que o que o nome que possui nem sequer foi escolhido pelo seu pai, segundo ela, “eu me chamo Virginia, meu nome de verdade é Mutamuriza. Se quiser, eu posso ser a Candace para você, os brancos sempre nos dão os nomes que bem entendem, no fim das contas Virginia também não foi um nome escolhido pelo meu pai.” (MUKASONGA, 2017, p.76).

O processo de identificação da maioria das personagens dar-se a partir da assimilação e apropriação das culturas dos brancos, para enquadrar-se no liceu era necessário incorporá-los em suas rotinas, “a madre superiora vive repetindo que as alunas precisam se habituar à comida civilizada” (MUKASONGA, 2017, p.25), a irmã continua na mesma linha de pensamento quanto da madre superiora, ela diz “aqui, disse ela, estamos no liceu e não em casa. Dormimos sozinhas, cada uma em sua cama, como pessoas civilizadas.” (MUKASONGA, 2017, p.36); a educação que as meninas recebiam no liceu era destinada as atividades domésticas, logo, as instituições tinham como objetivo confirmar e introduzir nas identidades das personagens elementos das culturas do colonizador, moldando e enquadrando a mulher em espaços domésticos, dessa forma,

Devemos mencionar que o sistema educativo desempenhou um papel fundamental na doutrinação e na implantação dos modelos europeus de identidade no continente africano. Assim, como na Europa, durante a primeira metade do século XX, as poucas jovens africanas que frequentavam as escolas recebiam educação ligada a atividades domésticas, ao passo que os colegas recebiam uma educação orientada ao espaço público. (SANTOS; MENDES, 2016, p.104)

Algumas alunas do liceu naturalizavam a ideia de que para ser bela, era necessário parecer mais branca, para isso, utilizavam-se de cremes clareadores para ‘branquearem’

as suas peles, para se enquadrarem aos padrões estipulados pelos brancos, “dirigindo-se a Immaculée, que era considerada especialista nos assuntos de beleza, Frida enumerava os produtos que o embaixador Balimba havia recomendado para clarear a pele[...]. Ele queria sua noiva mais branca” (MUKASONGA, 2017, p.130). As meninas do liceu tinham a visão de beleza quase que exclusivamente sobre a perspectiva que os brancos disseminavam, dessa forma, perceber-se que as suas identidades e personalidades são construídas e reconstruídas com as imagens preestabelecidas por esses padrões, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p.13). Godelive se questiona ao se deparar em uma revista com imagens de pessoas negras, que aparentam possuir mais semelhanças com os brancos com que elas próprias se assemelham, “ela tinha visto, nas revistas que o sr. Legrand dera a elas, alguns negros, sem dúvida americanos, que eram quase brancos e tinham cabelos longos e lisos, de um preto brilhante, e até mesmo outros, que Godelive se perguntava como, que eram louros.” (MUKASONGA, 2017, p.192). As mídias acabavam por disseminar os padrões de beleza com as quais as meninas não se identificavam, entretanto, acabavam por incorporá-los e com isso, suas identidades eram constantemente moldadas e modificadas, dessa forma, “a identidade feminina parece corresponder, assim, ao ignoto, ou ao inexistente, posto que a mulher acaba por se descobrir como ser diferente do que se supõe que é” (BOUTCHICH, 2016, p.64).

Por fim, após Virginia ser salva por Immaculée do massacre ocorrido no liceu, ela tem o seu futuro visto pela Nyamirongi, Virginia pergunta a ela “-O que você está vendo? -Perguntou Virginia um pouco preocupada. -Você vai embora para bem longe de Ruanda. Você conhecerá os segredos dos brancos. E você terá um filho. Você vai chamá-lo Ngaruka, ‘Eu voltarei’.” (MUKASONGA, 2017, p.251). A partir dessa visão, entende-se que Virginia conhecerá as estratégias utilizadas pelos brancos, responsáveis em grande medida pela repressão de seu povo e pelas manipulações constantes dos conflitos internos, com esse conhecimento adquirido, ela os utilizará ao seu favor.

## CONCLUSÃO

Dessa forma, ao analisarmos as obras de Paulina Chiziane ‘Niketche: uma história de poligamia’, Chimamanda Adichie ‘Hibisco roxo’ e Scholastique Mukasonga ‘Nossa Senhora do Nilo’ concluimos que as personagens femininas, a partir de suas tomadas de consciência, conseguiram (re)criar mecanismo de resistências diante de suas sociedades opressoras e marginalizadora, verificamos a (re)construção das identidades dessas personagens, conciliando e ressignificando os elementos da tradição e da modernidade, surgindo, dessa forma, múltiplas identidades. Ao longo do trabalho, buscamos analisar e alcançar os objetivos propostos, analisamos nas obras as resistências e os processos de (re)construção das identidades das personagens femininas, conseguimos perceber que as identidades estão sendo constantemente reformuladas; verificamos as representações presentes nas obras sobre o que é ser mulher em uma sociedade opressiva e desigual para o gênero feminino e atentamos para os espaços e padrões que são estabelecidos para o enquadramento das mulheres.

Verificamos o processo de inserção das mulheres negras na Literatura Africana, apresentamos as suas consequências e as novas demandas ocasionadas a partir da década de 60. Buscamos evidenciar as lutas das mulheres pela conquista de seus espaços, a sua participação nas lutas anticoloniais e sua inserção no mundo literário. Verificamos os debates sobre o termo pós-colonialismo e suas possíveis consequências, para isso, debatemos com autores possuidores de trabalhos nesta área, tais como: Thomas Bonnici, Eduard Said, Inocência Mata, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Stuart Hall, dentre outros. Analisamos nas obras as estratégias de resistências criadas pelas personagens e verificamos que a compreensão de suas verdadeiras situações se dá a partir de uma tomada de consciência, no qual, ao entenderem como funcionam as estruturas e a quem realmente ela beneficia, elas a usam a seu favor, criando estratégias diante de uma sociedade opressiva e excludente.

Cada obra analisada apresentou em seu enredo personagens emblemáticas que ao longo do romance nos surpreenderam com os seus comportamentos e com as formas de pensarem e agirem diante de situações opressivas que estavam sendo submetidas ora impostas pela tradição ora trazidas e impostas pela dita modernidade. No romance de Chiziane, ‘Niketche: uma história de poligamia’, verificamos os progressos que as personagens obtiveram a partir de sua tomada de consciência do lugar ao qual estavam

sendo enquadradas e dos mecanismo que se apropriaram para se libertarem destas limitações, Rami, a partir de suas indagações e reflexões diante de seu espelho, pode perceber a real situação em que estava submetida, entendeu que, para transgredir, romper com as barreiras impostas ao seu gênero era necessário a união entre as mulheres, pois juntas e independentes, elas conseguiriam liberta-se destas amarras sociais. Podemos perceber que as identidades das personagens desse romance foram sendo moldadas a partir de sua compreensão do que é ser mulher, compreenderam que as estruturas a qual estavam enquadradas não lhes eram tão favoráveis e com isso as modificaram em seus benefícios e se apropriaram tanto dos elementos de suas tradições e da modernidade para (re)construírem múltiplas identidades.

Na obra de Chimamanda Adichie, ‘Hibisco roxo’, podemos verificar, que as personagens Amaka e Ifeoma souberam desde do início da obra a conciliar tanto os elementos de suas tradições quanto os elementos trazidos pela modernidade, com isso, conseguiram (re)formular as suas identidades; perceber-se nestas personagens as suas constantes lutas e seus posicionamentos diante das injustiças e dos constantes golpes que seu país sofreu; mesmo naturalizando, inicialmente, o ambiente opressor e silencioso ao qual estavam inseridas, Kambili e sua mãe Beatrice, apresentaram mudanças significativas em seus comportamentos e atitudes após o contato com outra realidade, após a viagem a casa de sua tia Ifeoma, Kambili aos poucos vai tendo a sua identidade moldada e começa a questionar determinados valores, verificando, dessa forma, o seu posicionamento e liberdade diante das ações nocivas de seu pai.

Na obra de Scholastique Mukasonga, ‘Nossa Senhora do Nilo’, diante de situações opressoras, violentas e de limitações impostas para as personagens a partir de suas convivências dentro do liceu, verificamos que algumas alunas do último ano, carregam consigo não somente as suas experiências, mas de toda a sua família, principalmente as histórias de vida das mulheres que pertencem a seu núcleo familiar, isso acaba por introduzi-las ideias que vão de desencontro com as mecanismo impostos para as enquadrarem nos moldes das culturas europeias; elas compreendem de fato o que as espera a partir da reflexão e dos questionamentos que começam a emergir após a morte de sua colega de quarto, no qual, elas compreendem o que é ser mulher em sua sociedade ruandesa. As suas identidades são constantemente influenciadas e moldadas pelas culturas do colonizador, entretanto, algumas alunas conseguem ressignificar, na medida do possível, elementos tradicionais com elementos trazidos pela modernidade, no qual,

ao se apropriarem destes elementos elas conseguem (re)criar e (re)formular constantemente as suas identidades.

Por fim, as obras em seu conjunto total, apresentam grandes semelhanças entre as suas personagens, demonstram as representações e as imagens femininas criadas tanto pela sociedade quanto pela tradição, com o intuito de limitá-las aos espaços domésticos, sendo moldadas para o lar para serem boas esposas e boas mães; entretanto, verificamos a tomada de consciência dessas personagens e as suas lutas para resistirem diante destas imposições opressoras, marginalizadora e excludentes, verificamos as suas liberdades e as (re)construções de suas identidades a partir de elementos tradicionais e modernos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. Entrevista. In: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356\\_458023.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html)

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*; tradução fulia Romeu. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda. O perigo da história única. In: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc> Acessado em 28out17.

ADICHIE, Chimamanda. Todos devemos ser feministas. In: <https://www.youtube.com/watch?v=mSO5EgN1MII>

ALVES, Iulo Almeida; ALVES, Tainá Almeida. O perigo da história única: diálogos com Chimamanda Adichie. In *Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia* (7p.) In: <http://bocc.unisinos.br/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>. Acessado em 28out17.

ARAGÃO, Iran Lima Filho. A identidade cultural na pós-modernidade. *Caminhos, Goiânia*, v. 8, n. 2, p. 171-191 206, jul./dez. 2010.

BAKARE-YUSUF, Bibi. Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana. **Feminist Africa**, Issue 2, 2003.

BATISTA, Mirian do Nascimento. *Hibisco Roxo e o “estereótipo” africano: uma outra história do imperialismo*. Trabalho de conclusão de curso em Letras, 2014.

BHABHA, Homi. “Introdução”; “Cap.I: O Compromisso com a Teoria”. In: *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998, p.19-42; 43-69.

BONNICI, Thomas. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21. *Léngua e meia: revista de literatura e diversidade cultural*, v.4, no° 3, 2005.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

BONNICI, Thomas. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, vol. 28, núm. 1, 2006, pp. 13-25. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324792003>.

BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In.: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.pp.7-16.

BOUTCHICH, Sanaa. A imagem da mulher e a construção da identidade feminina na narrativa de Paulina Chiziane. *Dissertação de Mestrado em Letras*, 2016.

BRUGIONI, Elena. Restos e dobras. Permanências e(m) crise da crítica (na) pós-colonial(idade). *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.16. p. 32-43, jan/jul 2017. ISSN: 2176-381X.

CAHEN, Michel. Luta de emancipação anti-colonial ou movimento de libertação nacional? Processo histórico e discurso ideológico – o caso das colônias portuguesas e de Moçambique, em particular. Publicado em *Africana Studia* (Porto, Faculdade de Letras, Centro de Estudos africanos), VIII, 2005 339 p., dossier < Os Estados Lusófonos em África – 1975-2005 > : 39-67, rés. Port. Et fr.: 326-327.

CAVALCANTE, Scheilla Graziella Cayô. O Feminino Na Escrita Literária De Paulina Chiziane. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista. In: <https://www.opovo.com.br/jornal/paginasazuis/2017/04/entrevista-com-a-escritora-mocambicana-paulina-chiziane.html>

CHIZIANE, Paulina. Eu, Mulher... Por Uma Nova Visão Do Mundo. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia; — Sao Paulo : Companhia das Letras. 2004.

CUNHA, Raquel Ferro. A Voz Feminina: Constituição Da Literatura Pós-colonial Moçambicana. *Revista Historiador Número 03. Ano 03. Dezembro de 2010.* Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>.

EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. Feminismo: a busca por uma variante africana. **The Journal of Pan African Studies**, vol.3, n.1, 2009, p. 227-234.

FAZZINI, Luca. Os lugares de um caminho (ainda) em devir: As reconversões do pensamento pós-colonial. *Via atlântica, são paulo*, n. 25, 307-311, jul/2014.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 283-296, 2º sem. 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. O Corpo Feminino Da Nação. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 225-236, I" sem. 2000.

FRANCISCO, Helga Maria Pinto. Niketche: um discurso de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI. *Forma breve* (2011/12) 299-307.

GINZBURG, Carlo. “Introdução”; “Apêndice: provas e possibilidades”. In.: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. pp.7-14; 311-335.

GONÇALVES, Josimere Serrão; RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas . Colonialidade de gênero: o feminismo decolonial de Maria Lugones.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNANDEZ, Leila. *A África na sala de aula. Visita a História Contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial; *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?

MUKASONGA, Scholastique. Entrevista. In: <http://www.achadoselidos.com.br/2017/10/27/entrevista-scholastique-mukasonga/>

MUKASONGA, Scholastique. Entrevista. In: <http://www.nonada.com.br/2018/11/scholastique-mukasonga-a-mulher-africana-se-livrou-dos-tabus-tradicionais-que-a-impediam-de-se-expressar/>

MUKASONGA, Scholastique. *Nossa Senhora do Nilo*; tradução Marília Garcia, editora Nô, 2017.

OYÈWÚMI, Oyèronké. Laços Familiares/Ligações Conceituais: Notas Africanas Sobre Epistemologias Feministas. *Signs*, Vol. 25, No. 4, *Feminisms at a Millennium* (Summer, 2000), pp. 1093-1098.

PADILHA, Laura Cavalcante. Bordejando a margem (escrita feminina, cânone africano e encenação de diferenças). *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 253-266, 2º sem. 2004.

PADILHA, Rosenilda Pereira; RODRIGUES, Raquel Terezinha. Paulina Chiziane: Presença, Voz E Símbolo Feminino Na Literatura De Moçambique. ISSN 2179-0027, Vol. 7 n.2 (dezembro 2016), p.33-43.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, n.14, 2003.

RAGO, Margareth. “Feminizar é preciso: Por Uma Cultura Filógena”. In *São Paulo em perspectiva*, 15(3) 2001 (9p.).

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.pp.9-50.

SANTANA, Jacimara Souza. A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985). Sankofa. *Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana* Nº 4 dez./2009.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento; MENDES, Algemira de Macedo. Configurações de gênero na narrativa de Paulina Chiziane: o empoderamento de vozes femininas. Nº 22 | Ano 15 | 2016 | p. 51-68 | Dossiê (4).

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento; MENDES, Algemira de Macedo. Paulina Chiziane: Uma Escrita De Gênero E De Representação De Dilemas Culturais. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura – n. 41 – 2016 – Áfricas em movimento*.

SANTOS, Danilo Pereira; ROCHA, Caio César Silva. Discursos Que Destoam: Relações De Poder E Resistência Na Literatura Feminina Negra. *Revista Entrelaces – Ano IV – nº04 – setembro de 2014 – ISSN: 1980-4571*.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In.: In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero; Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.

SOUSA, Erahsto Felício de. “Descolonizando a teoria da história – uma leitura de A pós colonialidade e o artifício da história de Dipesh Chakrabarty”. In [http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/erahsto\\_felicio\\_de\\_souza.pdf](http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/erahsto_felicio_de_souza.pdf) .

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.